



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - PAA  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**LUAN WILLAME VASCONCELOS FRIAES**

**MUSEU E BIBLIOTECA SINHAZINHA: HISTÓRICO DE SUA CRIADORA, DE  
SUAS COLEÇÕES, SEU INVENTÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA**

**SANTARÉM  
2023**

**LUAN WILLAME VASCONCELOS FRIAES**

**MUSEU E BIBLIOTECA SINHAZINHA: HISTÓRICO DE SUA CRIADORA, DE  
SUAS COLEÇÕES, SEU INVENTÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Dr. Claide de Paula Moraes

**Santarém  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

F897m Friaes, Luan Willame Vasconcelos  
Museu e Biblioteca Sinhazinha: histórico de sua criadora, de suas coleções, seu inventário e sua importância./ Luan Willame Vasconcelos Friaes.- Santarém, 2023.  
79 p. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Claide de Paula Moraes.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia.

1. Museu. 2. Acervo. 3. Inventário museológico. 4. Histórico de criação. I. Moraes, Claide de Paula. II. Título.

CDD: 23 ed. 708.98115

**LUAN WILLAME VASCONCELOS FRIAES.**

**MUSEU E BIBLIOTECA SINHAZINHA: HISTÓRICO DE SUA CRIADORA, DE SUAS COLEÇÕES, SEU INVENTÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA**

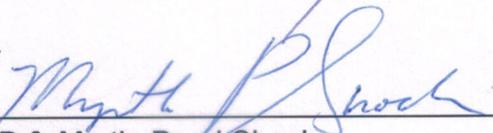
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

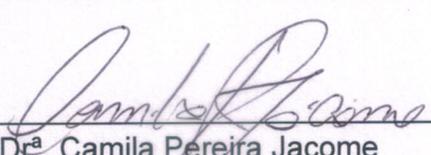
Orientador: Dr. Claide de Paula Moraes

Conceito: 10,0

Aprovado em 09/06/2023

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Claide de Paula Moraes - Orientador  
Universidade Federal do Oeste do Pará

  
\_\_\_\_\_  
Dr.<sup>a</sup>. Myrtle Pearl Shock  
Universidade Federal do Oeste do Pará

  
\_\_\_\_\_  
Dr.<sup>a</sup>. Camila Pereira Jacome  
Universidade Federal do Oeste do Pará

À Mary Lins Leal, minha  
madrinha e a idealizadora do  
Museu e Biblioteca  
Sinhazinha, lugar que ajuda a  
preservar um pouco da  
história de Monte Alegre(  
in memoriam).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me dar forças para chegar ao fim deste trabalho, mesmo com tantos desafios, a minha família por me apoiar até o final deste curso, a minha esposa e filha que me deram forças, aos meus colegas de turma, especialmente ao Gabriel e a Ítala que foram amigos desde o começo do curso; aos meus professores, especialmente a professora Myrtle Shock, professora Anne Rapp, ao professor Raoni Valle e ao meu orientador professor Claide de Paula Moraes que tanto me ensinou e me fez entender que eu escolhi bem a profissão que quis para minha vida: a Dr<sup>a</sup> Edithe Pereira e a Dr<sup>a</sup> Marcela Andrade do Museu Paraense Emílio Goeldi que também me ensinaram bastante sobre a arqueologia. Sou imensamente grato também à família da professora Mary Lins Leal por me permitirem realizar esse projeto no Museu e Biblioteca Sinhazinha.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como intuito historiar um pouco acerca da vida da criadora do Museu e Biblioteca “Sinhazinha” (MBS), Professora Mary Lins Leal, apreciadora de artigos, histórias e utensílios do passado. Outro ponto é esmiuçar um pouco sobre a criação do MBS e tentar resgatar algumas informações perdidas em relação ao espaço e suas coleções: seus acervos e sua importância para o município de Monte Alegre. Além disso, é proposto um modelo de inventário que sirva tanto para divulgação, como controle das peças que compõem o respectivo museu. No decorrer desse trabalho serão mencionadas doações, achados e aquisição dos artigos do modesto, porém valiosíssimo MBS.

Palavras-chave: Museu. Acervo. Inventário museológico. Histórico de criação.

## **ABSTRACT**

This work aims to tell a little about the life of the creator of the Museum and Library “Sinhazinha” (MBS), Professor Mary Lins Leal, who appreciates articles, stories and tools from the past. Another point is to go into detail about the creation of the MBS and try to recover some lost information regarding the space and its collections: its collections and their importance for the municipality of Monte Alegre. In addition, an inventory model is proposed that serves both for dissemination and control of the pieces that make up the respective museum. In the course of this work, donations, findings and acquisition of articles by the modest but very valuable MBS will be mentioned.

Keywords: Museum. Collection. Museum inventory. History of creation.

## **Lista de abreviações**

CCJF: Centro Cultural João Fona

CNSA: Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos

COMARA: Comissão de Aeroportos da Região Amazônica

EETEPA: Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará

IBRAM: Instituto Brasileiro de Museus

ICOM: International Council of Museums

IEP: Instituto de Educação do Pará

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MBS: Museu e Biblioteca Sinhazinha

OMS: Organização Mundial de Saúde

PEMA: Parque Estadual de Monte Alegre

PIBEX: Programa Institucional de Bolsa de extensão

SOME: Sistema Modular de Ensino

SUDAM: Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

UFAM: Universidade Federal do Amazonas

UFOPA: Universidade Federal do Oeste do Pará

## SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: O COLECIONISMO NA AMAZÔNIA	11
Capítulo 2: HISTÓRICO DA COLEÇÃO E DA CRIADORA DO MBS	15
2.1: Da coleção	26
Capítulo 3: A IMPORTÂNCIA DO MUSEU	38
Capítulo 4: MATERIAIS E MÉTODOS	41
4.1: Entrevistas	42
4.2: O uso de fotografias para o processo de pesquisa	43
4.3: A importância da documentação	45
4.4: O processo de documentação	46
Capítulo 5: PRÉ-REQUISITOS PARA UM ESPAÇO FÍSICO SE TORNAR UM MUSEU	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
Anexo I	56
Anexo II	74
Anexo III	78

## INTRODUÇÃO

É indubitável que os museus têm como principal papel o de ser um lugar de memória, de educação e de pesquisa, pois eles ajudam também a lembrar e a construir novas memórias. Em se tratando do Museu e Biblioteca “Sinhazinha”, ou como será chamado, MBS, é o único espaço dentro da área urbana de Monte Alegre que serve como museu porque apesar de não ser um museu propriamente dito, desempenha a função de um, embora nunca tenha passado por qualquer oficialização. Com isso, inúmeras informações foram perdidas, sobretudo após o falecimento de sua idealizadora e criadora.

A intenção de realizar esse trabalho se deu em detrimento da minha proximidade com a supramencionada criadora desse importante espaço, somada à minha familiaridade com o ambiente, haja vista que Mary Lins Leal era minha madrinha de batismo e, ao tomar conhecimento de que eu estudava arqueologia, me incentivou bastante a continuar o curso. Na oportunidade, eu já havia mencionado o meu interesse em conhecer melhor suas peças e catalogá-las, porém devido a alguns contratempos e, em decorrência das medidas protetivas estabelecidas pela OMS devido à pandemia da COVID-19, não pude dar início à pesquisa *in loco*. Infelizmente, Mary Lins Leal faleceu no dia 03 de maio de 2021 devido a complicações causadas pela COVID-19. Após o ocorrido e devido ao fato de os atuais responsáveis não conseguirem muito tempo livre para cuidarem do ambiente e de seus acervos, a visita ao espaço por outras pessoas, como era a vontade dela, foi praticamente interrompida. Os herdeiros mostraram a intenção de doar as peças arqueológicas ao Parque Estadual de Monte Alegre - PEMA, onde seriam melhor apreciadas se ficassem em exposição, o que torna ainda mais necessária a documentação de toda a coleção, principalmente dos materiais arqueológicos nele existentes.

Portanto, as peças que constituem o MBS retratam os processos de ocupação das pessoas ao longo dos tempos, na região do município de Monte Alegre; município que fica situado na porção noroeste do Estado do Pará, integrando a Mesorregião do Baixo-Amazonas, limitando-se com os municípios de Alenquer, Prainha e Santarém.

## Capítulo 1: O Coleccionismo na Amazônia

O ato de colecionar materiais arqueológicos na Amazônia está presente na vida e no cotidiano das pessoas e muitos são os casos em que alguém possui coleções em sua casa, sejam elas de maneira temporária, ou não. Crianças, muitas vezes, usam cacos para brincar, enquanto outras pessoas contam relatos de terem dado sacos e mais sacos de materiais arqueológicos que encontraram para curiosos que por ali passaram, haja vista que muitas pessoas residem em cima de sítios arqueológicos ou próximos a eles, convivendo com esses materiais todos os dias.

Bezerra (2018:89) ressalta como acontece a interação das pessoas na região norte do país com os materiais arqueológicos e como a lei de proteção do patrimônio age, uma vez que segundo a lei nº 3.924/1961, em seu artigo 18, parágrafo único, achados fortuitos devem ser preservados pelos proprietários do terreno onde ocorreu até que algum órgão responsável possa tomar as medidas adequadas, porém, quando alguns arqueólogos ou arqueólogas aparecem e fazem seu trabalho de educação patrimonial para se fazer entender a importância do bem arqueológico, muitas vezes acabam usando a lei e de certa forma ameaçando as pessoas que possuem coleções. Os materiais são levados e, em muitos casos, existe um grande afeto por parte de quem coletou e provavelmente nunca mais serão vistos pelos seus colecionadores.

Tal autora não defende a escavação não autorizada para procura de materiais arqueológicos, quer seja para sua utilização, venda ou coleção, no entanto adverte que é importante se analisar cada caso, sobretudo porque muitas pessoas encontram esses materiais de forma não intencional, já que os coletam em superfície e sem causar grandes impactos aos sítios arqueológicos. Ela também nos faz questionar como podemos repensar essas práticas e se elas não seriam “outra forma de patrimônio”.

Lima, Barreto e Fernandes (2018) em seu trabalho conjunto nos lembram das palavras de Bezerra (2011:58, apud LIMA et al., 2018) que trata de outras formas de colecionismo na Amazônia relacionado a pequenas comunidades e

que precisamos refletir sobre a relação de “pessoas e coisas”. Salientam que um dos desafios dos museus no século XXI talvez seja pensar em políticas que apoiem pequenos colecionadores, uma vez que eles acabam cumprindo o papel principal de um museu que é o de “criar e reativar memórias coletivas”.

Lima, Andrade e Silva (2017) nos relatam suas experiências juntamente ao projeto “Tupé Memo” nas comunidades que compõem a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé. Os conflitos relacionados à posse dos materiais arqueológicos, especialmente na comunidade Agrovila onde se localizava um museu comunitário, com peças que foram encontradas pelos moradores, acabou culminando no fim do projeto. Isso nos faz refletir sobre a seguinte pergunta: “Quem tem direito à coleção arqueológica?”. O grupo Tupé Memo buscou realizar trabalhos que ajudassem a valorizar e a manter a integridade do patrimônio, pois tinham a ideia de que a população que vive ali era a guardiã dos sítios arqueológicos e dos seus conteúdos. Procuraram também verificar como as pesquisas arqueológicas poderiam contribuir para contenção de problemas como a destruição dos sítios e o uso indevido dos materiais arqueológicos, seja por falta de conhecimento ou informação. Durante os anos do projeto, entre 2010 e 2013 deu certo, visto que eles realizaram pesquisas participativas e até uma exposição na UFAM. Porém, após a recuperação de uma peça paleontológica que havia sido emprestada a outros professores da UFAM constatou-se que ela estava quebrada e isso gerou certos atritos que foram um dos motivos que levou ao encerramento da exposição e do projeto. Nesse caso em específico, os comunitários acabaram juntando suas coleções em uma escola e criando um museu comunitário com mais de cem peças. Contudo, acabaram por cometer ilegalidades após o encerramento do projeto. Porém, os autores ressaltam a importância de ações de base comunitária em prol da salvaguarda do patrimônio arqueológico e na expectativa de que em outros lugares as pessoas possam ajudar na proteção do patrimônio. Ademais, ressaltam a importância de coleções comunitárias na salvaguarda desses bens.

É notório que alguns pesquisadores reconheçam que o ato de colecionar peças arqueológicas está presente no cotidiano das pessoas na Amazônia. Logo, não é incomum chegar em alguma comunidade e ouvir histórias sobre

lugares com materiais arqueológicos em superfície ou de “achados” enquanto eles abriram algum buraco para algum serviço. Tampouco é incomum que crianças encontrem e brinquem com esses materiais. Da mesma forma, é comum se ouvir histórias relacionadas a aparições de assombrações em sítios arqueológicos ou ainda casos em que curiosos que passaram por determinada região levaram inúmeros materiais arqueológicos doados pelos moradores.

Rocha et al. (2014) relata em seus trabalhos em Montanha e Mangabal, no Médio e Baixo Madeira e no lago Tefé, que ao irem ao encontro dos comunitários não era incomum encontrarem materiais arqueológicos nas residências, assim como possuíam um imenso conhecimento sobre as áreas com ocorrências de sítios arqueológicos e ocorrências arqueológicas. Sendo eles fundamentais para a localização dos diversos sítios registrados durante a pesquisa.

Em um trabalho de prospecção que realizei juntamente ao projeto de arqueologia “A Ocupação Pré-colonial de Monte Alegre” em 2022 pude constatar o mesmo que Rocha et al. (2014). Ao chegarmos em dois lugares foi possível observar pequenas coleções e um grande conhecimento dos sítios arqueológicos, por parte dos moradores, onde os materiais haviam sido encontrados, além de diversos outros relatos de pessoas que tinham e deram materiais arqueológicos às pessoas que passaram pelas localidades, o que mostra a importância das pessoas e de seus conhecimentos para a arqueologia. Muitos sítios são encontrados justamente com a ajuda desse conhecimento, o que poderia levar dias ou meses para ser encontrado pelos arqueólogos pode levar apenas alguns minutos de conversa.

É preciso que se incentive criações de espaços que possam servir como lugares de memória, ensino e para preservação e conservação de achados, como é o caso do MBS que muito provavelmente impediu que diversos materiais fossem descartados ou doados a curiosos sem que se soubessem da existência deles. Com controle adequado esses lugares podem também ajudar na localização de diversos sítios arqueológicos.

Atualmente, o museu mais próximo de Monte Alegre se encontra dentro do espaço do Centro Cultural João Fona (CCJF), em Santarém, o que dificulta a visita de pessoas de outras cidades. Além dele, o único lugar que pode ser

encontrado que ajuda a preservar esses materiais é o laboratório de arqueologia Curt Nimuendaju II que se localiza dentro do campus Tapajós da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), também em Santarém. Logo, é notório que a distância dificulta o traslado desses materiais até lá e como não há um espaço no município de Monte Alegre e nem em outro lugar mais próximo, muitos acabam sendo doados ou descartados.

## Capítulo 2: Histórico da coleção e da criadora do MBS

O MBS está localizado na cidade de Monte Alegre - Pará, no bairro de Surubeju, próximo à Igreja Católica de Nossa Senhora do Livramento e nas proximidades do Rio Gurupatuba, que banha a cidade de Monte Alegre (imagem 1). Nos fundos está localizada uma serra popularmente conhecida entre os moradores do bairro como “Serra do Bode”.

Na serra existe um sítio arqueológico a céu aberto e implantado em solo arenoso (imagens 2 e 3), o mesmo não tem qualquer dado presente na lista do CNSA até a data de 26/04/2023 com o nome de Serra do Bode ou Surubeju e nem na localidade em que o sítio se encontra. Entre os vestígios arqueológicos está a terra preta que fica em uma grande porção do sítio. O material cerâmico está aflorando em toda a área e tem possíveis materiais líticos (imagens 4 e 5). É possível observar a presença de cerâmicas decoradas.

Como decoração podemos citar principalmente incisões, ponteados, além de engobo, entre outros. Também existe a presença de cerâmicas não decoradas, cerâmicas sem qualquer um desses atributos citados acima. Quanto ao material que aparece na superfície apresenta-se fragmentado, porém um dos moradores da serra já encontrou um vaso inteiro enquanto estava escavando em seu terreno. No entanto, acabou caindo da prateleira onde estava e danificando.

Vale ressaltar que a serra não é a mesma serra do Bode da região de Paytuna, que está localizada dentro da área do PEMA, a oeste da cidade de Monte Alegre como podemos ver nas imagens 1 e 2 a serra fica dentro da área urbana. Durante o período de cheia é comum que o Rio Gurupatuba chegue até a porta de entrada da casa e do MBS, o que dificulta um pouco o acesso.

Sabe-se que apesar de receber a denominação de museu, segundo as normas do IBRAM, oficialmente ele não o é. Também não é reconhecido pelo governo local, mas é reconhecido por uma parcela da população que já foi visitá-lo e é visto como tendo um vasto e valioso acervo. Para a professora Ana Mary Lins Leal, filha da professora Mary Lins Leal, ele é uma espécie de relicário (comunicação pessoal, 2022).

É importante reiterar que esse espaço foi criado pela já falecida professora Mary Lins Leal, em 2008 em um dos cômodos de sua residência. Na verdade, ela começou a reunir suas peças antes disso, em 1994. Embora seja de propriedade particular, é de acesso livre a quem tem interesse em visitá-lo. Além da coleção arqueológica, existem muitos materiais históricos, livros e revistas de diversos tipos, todos recebidos através de doações no decorrer dos anos de vida da proprietária. Conforme relatos de familiares, amigos e conhecidos, ela tinha um fascínio especial pelas populações que passaram por Monte Alegre e pelos vestígios que elas deixaram, especialmente pelas cerâmicas que lhe despertavam maior interesse e curiosidade. Ela tinha também grande paixão pela leitura e pela escrita. Após seu falecimento, o lugar ficou sob os cuidados de seu marido Antônio Leal e sua filha primogênita Ana Mary Lins Leal.

Em conversa com Ionara Vasconcelos professora na rede estadual de ensino em Monte Alegre que possui formação em letras o Interesse da professora Mary Lins Leal por “achados” e por colecionar peças antigas, ou até mesmo pelo tipo de trabalho que passava aos alunos pode ter sido devido ela também ter formação em Letras, o que está relacionado ao gênero textual memórias. Segundo Sá (2019:1) nesse gênero textual:

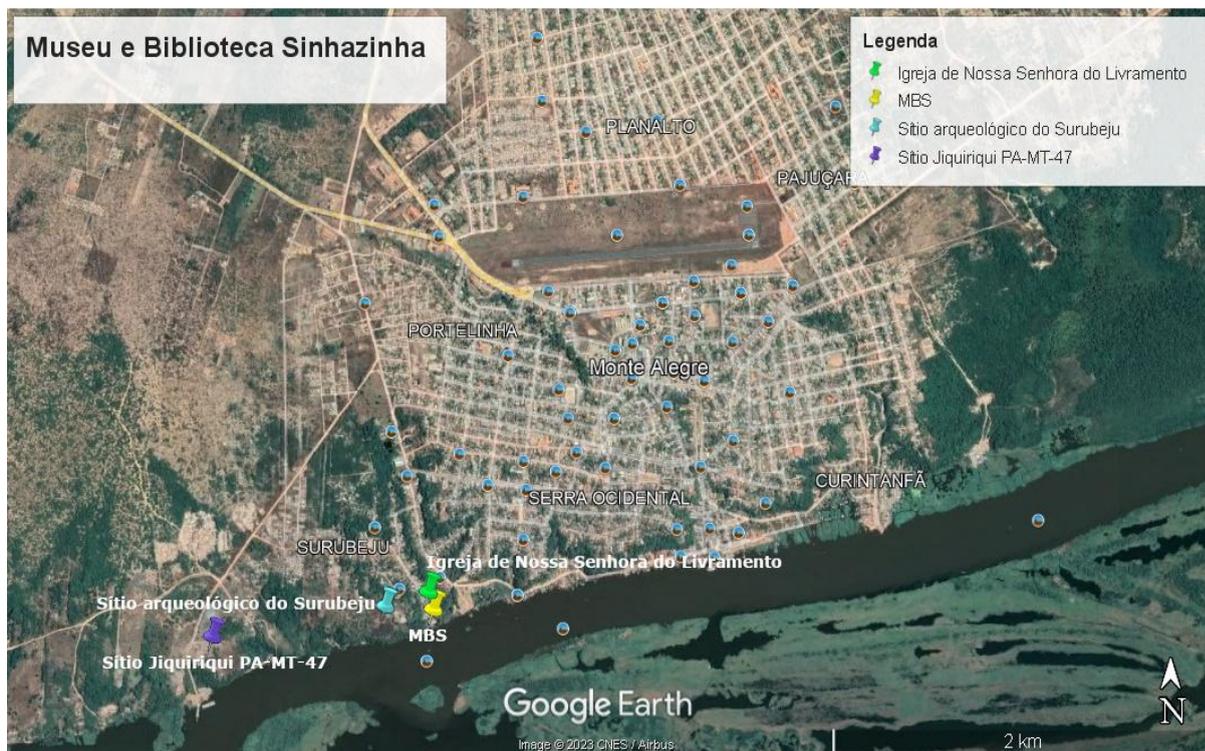
o narrador ou o memorialista, conta ou compila uma ou várias histórias, oferecendo, assim, o seu testemunho quanto ao espaço e tempo em que viveu. Estes, por sua vez, surgem articulados com o contexto histórico-cultural da autora.

As memórias literárias consistem, então, em histórias pessoais que se inscrevem na história geral de um país ou de uma cultura e, nesse sentido, encerram em si um importante valor documental.

Neste gênero textual predominam a primeira pessoa do singular e, muitas vezes, também a primeira pessoa do plural, assim como os tempos verbais no passado. É um gênero que se diferencia da biografia, na medida em que o seu objetivo não passa por narrar a vida de alguém, mas sim as lembranças, as experiências do passado que ainda vivem na memória, as quais, muitas vezes, estão sujeitas à lembrança emocional do narrador.

Também é comum que o memorialista recorra a vários documentos, ou até mesmo a testemunhos orais, com o objetivo de coadjuvar a sua memória e atestar a veracidade dos factos transcritos.

Imagem 1 - Localização do Museu e Biblioteca Sinhazinha em Monte Alegre.



Fonte: Google Earth.

Imagens 2 e 3 - Sítio arqueológico localizado aos fundos MBS no bairro de Surubeju.



Fonte: Luan Friaes.

Imagens 4 e 5 - Cerâmicas encontradas em superfície no bairro de Surubeju das Imagens 3 e 4.



Fonte: Luan Friaes.

Segundo Ana Lins (comunicação pessoa, 2022) e Antonio Leal (comunicação pessoal, 2023), Mary Lins Leal (Imagem 6) nasceu em 6 de Outubro de 1946 e começou seus estudos na escola do bairro de Surubeju, onde foi aluna de sua Mãe Maria Barbosa, conhecida como professora Sinhazinha, a primeira professora da escola. Por volta dos 13 a 14 anos Mary Lins ganhou o título de aluna-mestra, tornando-se uma espécie de professora auxiliar dado seu desempenho em sala de aula. Começou então a lecionar em outra escola criada por Frei Cleto. Todavia, para continuar seus estudos, mudou-se para Belém no ano de 1964.

Imagem 6 - Mary Lins Leal.



Fonte: Facebook.

Estudou no IEP - Instituto Exclusivo para Formação de Professores, onde estudava no período da noite. Ela morou na casa do senhor Fidelis Polaro e depois em um pensionato de freiras. Depois mudou-se para a casa de uma outra senhora. Após a mudança, engravidou de sua primeira filha, em 1968. Mediante essa situação, foi que seu até então namorado e futuro marido, Antonio Leal, de quem era prima legítima, alugou uma casa onde foram morar e constituir sua família no bairro de Arsenal. Voltou para Monte Alegre após se formar, ficou até junho de 1984, depois voltou para Belém e ficou até 1994. Após seu retorno, começou a trabalhar na rede municipal de ensino de Monte Alegre. Atuou como professora e diretora da escola do bairro de Surubeju. Fez faculdade em 2004, na área de letras, quando entrou na rede de ensino estadual como professora de português e literatura. Foi a partir daí que seu interesse pelo passado aflorou. A princípio, trabalhou no SOME - Sistema Modular de Ensino, no interior do município (no ensino médio), onde para

chegar até as escolas que ministrava aula, muitas vezes precisou ir de moto com seu esposo Antonio Leal.

Na sua forma de trabalhar utilizava como uma de suas metodologias orientar seus alunos a escreverem narrativas sobre cerâmicas e lugares que remetessem às populações antigas (sítios arqueológicos), coisas pelas quais tinha curiosidade. Isso a influenciou a se interessar ainda mais pela origem de seus ancestrais e a colecionar materiais arqueológicos, contribuindo para ela se aproximar de pessoas tanto na zona urbana como na zona rural que se interessaram por suas ideologias e que a ajudaram a reunir ainda mais materiais para acrescentar a sua coleção. Isso favoreceu o acesso a outros sítios.

A partir daí e após manifestar interesse pelos materiais supramencionados, especialmente pela cerâmica, começou a reunir ainda mais utensílios e a montar a coleção presente hoje em sua residência, tornando-se, assim, uma das principais referências quando se tratava de materiais arqueológicos e históricos do município. Recebeu inúmeras doações de materiais de diversos tipos, matérias-primas, idade e tamanhos, oriundos de diversas áreas e de diversas pessoas que os encontravam ou detinham sob sua proteção. Alguns que se mudavam e não tinham como levar ou, simplesmente, não os queriam mais em suas residências. A Professora Mary tinha o cuidado de colocar uma etiqueta nas peças com o nome de quem fizera a doação e do lugar de origem, porém, com o passar dos anos as etiquetas foram se desgastando, restando poucas com perfeição, na atualidade.

Após se aposentar e à convite da professora Alcenir Seta e Neusi Sadek, Mary Lins trabalhou na Rádio Comunitária Guaratuba FM onde possuía um programa próprio. No início precisou da ajuda de outra pessoa para poder realizar esse programa. Contudo, com o passar do tempo, aprendeu a manusear todos os equipamentos e programas de computador da rádio, começando a realizar seu programa sozinha (Ana Mary Lins Leal, comunicação pessoal, 2022) (Antonio Lins Leal, comunicação pessoal, 2023).

Em 2008, a coleção do MBS ficou expressiva para ficar acomodada de qualquer jeito devido ao aumento do número de materiais recebidos todos os dias. Como ela tinha interesse que outras pessoas pudessem ter acesso aos

materiais, Mary Lins e seu marido Antonio Leal decidiram deixar uma parte da casa voltada exclusivamente para servir de ambiente de guarda e exposição.

O espaço está dividido em quatro ambientes: uma sala, um quarto dividido em dois espaços e um pequeno corredor que leva aos fundos da casa, que também já serviu de oratório onde ainda se encontram também alguns materiais religiosos. Vale reiterar que após isso foi que eles chamaram o lugar de museu e biblioteca Sinhazinha, em homenagem à mãe da professora Mary Lins Leal. A sala é onde se encontram a maior parte dos livros, revistas e alguns materiais históricos de médio e grande porte (imagens 7 e 8). No primeiro ambiente do quarto contém livros, materiais históricos e arqueológicos, além de uma pequena escrivaninha para aqueles que quiserem ler nesse espaço. O segundo espaço do quarto está destinado apenas a materiais históricos e a algumas revistas, além de se encontrar ali um pequeno pilão de pedra. No corredor que leva aos fundos da casa estão alguns materiais históricos, artigos religiosos e livros diversificados.

Ela preparou o ambiente na esperança de que pudesse servir para a população de Monte Alegre como um ponto de referência onde aflorasse nas pessoas o interesse pela leitura, bem como um lugar de estudo, ou seja, um ambiente que despertasse o interesse das pessoas para compreender o passado do município. Também um lugar onde essas pessoas pudessem voltar sempre que precisassem e sempre que quisessem. O local chegou a se aproximar do que ela esperava, pois o espaço chegou a receber visitas de alunos de diversas escolas que iam orientadas por professores e também por pessoas que apenas queriam conhecer o espaço.

Imagem 7 - Sala destinada como espaço do MBS.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 8 - Sala destinada como espaço ao MBS.



Fonte: Luan Friaes.

A professora Mary Lins guardava em pastas todos os seus cadernos de aulas que passava a seus alunos e as narrativas que pedia a eles . Algumas ficavam dentro do espaço do museu e outras dentro do espaço da residência. Possuía

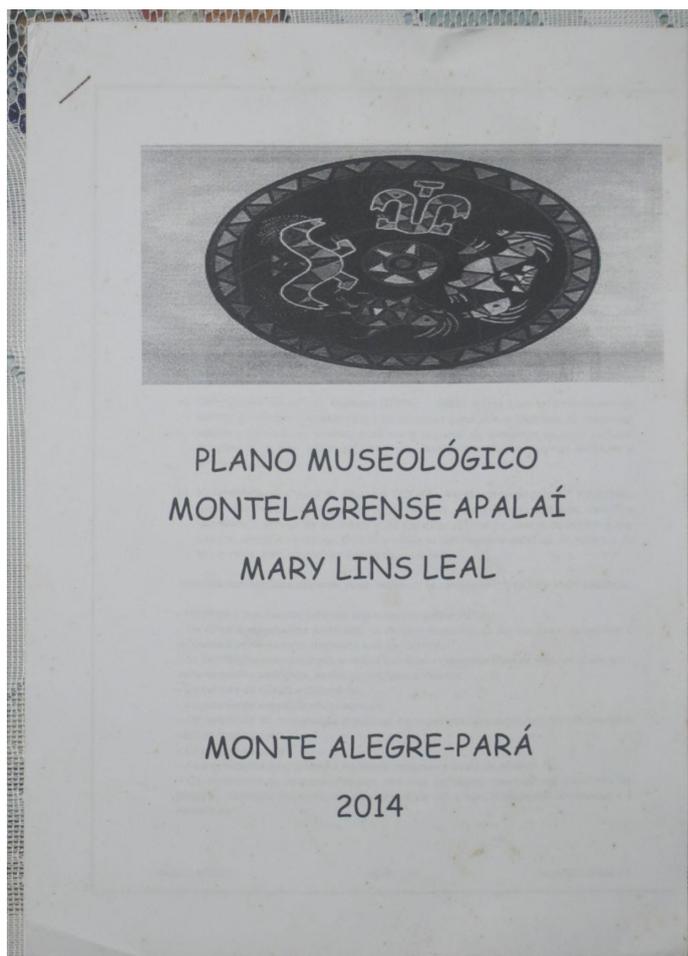
muitas informações sobre sítios, sobre os materiais arqueológicos e, possivelmente, sobre a origem de muitos materiais presentes na coleção, porém essa fonte valiosa de informação teve sua maior parte perdida devido a umidade e a ação de cupins que destruíram suas anotações (Imagem 10), pois no período em que isso aconteceu, ela já tinha dificuldade de locomoção e não tinha como ir com frequência até onde esse material se encontrava para averiguar qualquer tipo de ação que comprometesse a sua integridade. Até hoje ainda é possível encontrar os materiais que estão armazenados em pastas dentro de engradados. Infelizmente, recentemente alguns deles também já foram atacados por cupins (Imagem 9), tornando frágeis os arquivos e dificultando o acesso a seus conteúdos que podem conter dados importantes da coleção. Há ainda pastas em bom estado de conservação e que contém trabalhos que foram passados aos alunos, causos, lendas e históricos relacionados a lugares e a construções, na área urbana e no interior do município. São coisas pelas quais também tinha certo interesse, visto que muitos deles remetiam à própria história do município e de pessoas bastante conhecidas na cidade de Monte Alegre.

Em 2014 Mary Lins e sua filha Ana Mary Lins escreveram um projeto em 16 páginas para a musealização definitiva do espaço denominado “Plano Museológico Montealegrense Apala” (Image 9) (Anexo I) (Imagem 23). Elas contavam um pouco a história dos museus em geral e davam ênfase na documentação necessária para tornar o espaço de fato em um museu reconhecido segundo normas do International Council of Museums (ICOM) . Apontavam as formas de registro das coleções e o fato de que o espaço precisava ser melhorado e passar por reformas para guardar e expor os materiais de forma adequada. Apresentaram ideias de eventos a serem realizados no espaço, em parcerias com escolas do município e com outras instituições. Apontaram as possibilidades de geração de empregos, visto a necessidade de mão de obra com formações específicas e em determinadas áreas para que o MBS pudesse ter o mínimo de condições e uma melhor forma de receber o público, conservar e expor os materiais, entre outros pontos necessários para o bom funcionamento. Lamentavelmente o projeto nunca chegou a ser realizado, principalmente devido ao fato de sua filha, na

época, não morar na cidade, pois trabalhava na cidade de Santarém, tornando difícil para ela continuar o processo sozinha.

Mesmo após adquirir problemas de locomoção, a professora Mary Lins com a ajuda de seu marido, cuidou do espaço. Ela fazia questão de sempre que possível ir até ele. Várias vezes fui até o local acompanhado de D. Maria Francisca, que é ministra da eucaristia na igreja de Nossa Senhora do Livramento para visitá-la e levar-lhe eucaristia, haja vista que era católica fervorosa e fazia questão de comungar (receber a Sagrada Eucaristia). Na oportunidade, ela fazia questão de mostrar o museu e falar um pouco sobre os materiais, mesmo que muitos nem a própria soubesse sua origem com precisão. A forma como ela falava sobre cada material ali e sobre o próprio espaço mostrava o quanto aquele lugar era especial e o quanto ela queria que se tornasse importante para outras pessoas.

Imagem 9 - Capa da cópia do plano museológico para o MBS;



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 10 - Pastas com atividades realizadas pelos alunos de Mary Lins com ação de cupins.



Fonte: Luan Friaes.

Monte Alegre, lamentavelmente, apesar de ser conhecida internacionalmente dentro da arqueologia (Roosevelt et al., 1996) e ser muito visitada por turistas durante todo o ano, não possui um único museu sobre a história do município, seja a história pré-contato seja a história pós-contato. Sabemos que existem muitas coleções particulares em todo o município, mas nenhuma é aberta ao público e muitas estão localizadas na parte rural do município. Isso faz do MBS um lugar realmente importante, pois quem quiser entrar e pesquisar é bem-vindo. Era a vontade da proprietária que ele se tornasse um ícone para aqueles que quisessem ler sobre diversos temas e conhecer melhor o passado do município e das populações que aqui moraram, haja vista que para muitos montealegrenses, esse passado é desconhecido, principalmente devido à falta de interesse, mas também da ausência de um lugar adequado e que possa servir de norte para conhecer melhor o passado. Um dos seus últimos trabalhos sobre o passado do município foi feito em parceria com outras pessoas em homenagem aos 90 anos do bairro de Surubeju e aos 100 da imagem da padroeira, denominado “Rememorando Aspectos Fundamentais do Bairro Surubeju”.

Infelizmente, no dia 03 de maio de 2021 Mary Lins Leal veio a falecer aos 74 anos de idade em função de complicações causadas pela covid-19 no Hospital Regional do município de Itaituba, deixando para trás sua família, amigos,

admiradores e um legado ao município ao qual dedicou anos de serviço voltado à educação, onde escreveu diversos poemas e textos, ajudou a resgatar inúmeras vezes através da pesquisa e da escrita a história de Monte Alegre já quase esquecida pela grande maioria da população. Ainda é possível encontrar entre os documentos que deixava organizados em pastas, diversos de seus textos, poemas e diversas de suas pesquisas que traziam de volta histórias do município, causos, contos e lendas (Anexo II). Também deixou para a posterioridade os inúmeros objetos guardados no espaço do MBS, os que juntou com passar de seus anos de vida e que tanto desejou que pudessem servir a outras pessoas, interessadas em informações acerca dos costumes, tradições e hábitos de nossos antepassados.

## **2.1 Da coleção**

As coleções do MBS nunca passaram por qualquer tipo de catalogação, sendo a maior parte das informações delas perdidas ao longo do tempo, principalmente após o falecimento da proprietária. Mas, em sua maioria, as informações estão na memória das pessoas que doaram ou as conheceram após visitação ou ainda os que receberam algumas informações acerca dos materiais que agregam esse acervo. Dessa forma, é necessário documentar essas coleções a fim de ajudar a preservar e, inclusive, resgatar informações que podem ser úteis para entender melhor a história de cada um dos materiais ali presentes. Sabe-se que esse é um trabalho longo e complexo, porém pode ser bastante útil para o MBS e também para qualquer pessoa que tenha o interesse em se aprofundar melhor a respeito de nossos ancestrais.

Da coleção presente no espaço do MBS pode-se encontrar muitas peças que incluem cerâmicas, alguns líticos, pequenos fósseis e materiais históricos de diversos tipos e tamanhos. Alguns estão em estantes, já outros estão no chão, principalmente aqueles com tamanho e peso expressivo como uma prensa de jornal. Existem ainda muitos materiais que não foram acomodados devido à falta de espaço.

Os materiais arqueológicos estão guardados atualmente em 19 recipientes que estão acondicionados em uma única estante do primeiro quarto, sendo 2 recipientes de vidro e o restante de cerâmica (imagem 11). A maior parte da coleção é constituída pelas já mencionadas cerâmicas, peças pelas quais a professora Mary tinha mais carinho e interesse. Nos recipientes podemos encontrar tanto materiais cerâmicos, líticos, possíveis fósseis e fragmentos de réplicas ou materiais mais recentes. Todos os objetos estão em uma mesma estante de madeira no primeiro cômodo do quarto, separado para o espaço do museu. Os livros também eram muito especiais para ela; estão divididos em 16 estantes e algumas caixas de diversos tamanhos espalhadas por todas as áreas do museu. Versam sobre os mais variados assuntos. Já os materiais históricos estão divididos entre estantes, pendurados na parede e colocados no chão.

Imagem 11 - Recipientes onde estão armazenados os materiais arqueológicos.



Fonte: Luan Friaes.

As cerâmicas arqueológicas são compostas, em sua maioria, por fragmentos e algumas peças inteiras, somando um total de 355 objetos que variam em forma, tamanho, espessura, decoração e estado de conservação. Entre os fragmentos temos bordas, paredes, apliques, bases, e outros. Existem cerâmicas decoradas e não decoradas, podemos verificar que algumas possuem engobo, incisões, ponteados e apliques. Dentre as peças encontra-se um vaso pequeno e aproximadamente 95% completo, que

aparenta ter chegado ao museu já com uma tentativa de restauro em durepoxi (Imagem 12). O vaso pequeno possui apliques que formam uma espécie de alça nos dois lados, um filete aplicado serpenteando o entorno do mesmo e possui outras decorações.

Em sua base está escrito com pincel o nome do doador, o senhor José Aristeu. Essa peça pode ser oriunda da região do Ererê, segundo as informações. Outras três peças também possuem nome do doador e escrito sobre adesivo, as três foram doadas pela mesma pessoa, o senhor Raimundo Nonato da região do Água Azul no interior de Monte Alegre (Imagem 13). Todos são fragmentos de bordas com paredes, doadas no dia 08/05/2009.

A coleção também conta com estatuetas, todas incompletas, vários apliques zoomorfos e podemos destacar dentre eles algumas representações de morcegos (Imagem 14 e 15). Ainda podemos citar que encontramos, além de formas zoomorfas, representações antropomorfas. Nas bordas podemos notar a presença de incisões, apliques, ponteados e outras decorações plásticas.

Existe ainda um pequeno cachimbo entre os itens (Imagem 16). As cerâmicas arqueológicas aparentam ter influências de outras cerâmicas já bastante estudadas dentro da arqueologia como as cerâmicas Pocó e Konduri (Panachuk, 2016), Koriabo e Santarém (Troufflard, 2016; Panachuk, 2016; Barreto; Nascimento, 2016) por exemplo. Além disso, existem algumas réplicas de cerâmicas arqueológicas como uma estatueta tapajônica muito conhecida entre a população de Santarém como “pé na boca” e outras réplicas de cerâmicas Marajoaras.

Imagem 12: Vaso parcialmente completo com reparo.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 13: Cerâmicas com etiquetas marca preço com informações da doação.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 14 - Fragmentos cerâmicos zoomórficos que lembram morcegos.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 15 - Fragmentos cerâmicos zoomórficos que lembram morcegos.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 16 - Cachimbo presente na coleção do Museu e Biblioteca Sinhazinha.



Fonte: Luan Friaes.

Ali também se encontram líticos, na maioria machados polidos, totalizando 27 peças, com formas e tamanhos diferentes. Entre eles vale ressaltar quatro delas, das quais duas peças possuem etiquetas adesivas “marca preço”, contendo informações como o nome do doador e possível lugar de origem, (imagens 17 e 18). Uma delas está quebrada e a outra possui a data em que foi realizada a doação, outra peça possui etiqueta com apenas a informação do local de origem e mais uma cuja etiqueta é possível notar apenas uma ou duas letras que podem ser “P”, “Pr” ou “R” (imagem 20), pois a mesma já está deteriorada e dificulta a identificação.

As duas peças com a mesma proveniência foram doadas pelo já mencionado senhor Raimundo Nonato, no mesmo dia da doação das peças cerâmicas, no dia 08/05/2009 e possivelmente advém da comunidade de Água Azul, no interior de Monte Alegre (imagens 17 e 18).

A peça que só tem informações do local de origem veio da comunidade Cuçari (imagem 19), também no interior do município e subentendendo que, se a

peça com a etiqueta mais deteriorada estiver representada a letra “R”, possivelmente fora doada também pelo senhor Raimundo Nonato. Todas as peças acima mencionadas são líticos polidos. Faz parte da coleção também um pilão pequeno de pedra com uma tampa de cerâmica improvisada para que não acumule sujeira dentro dele. Existe também uma pequena quantidade de possíveis fósseis que lembram pequenas conchas bivalves, num total de 34, com algumas ainda em processo de fossilização.

Imagem 17 - Lítico polido com etiqueta marca preço com nome do doador, local de origem e data, Raimundo Nonato, Ramal Água Azul, 08/05/09.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 18 - Lítico polido doado etiqueta marca preço com nome do doador e local de origem, Raimundo Nonato, PA Água Azul, e possivelmente Mãe Rosa Avelino.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 19 - Lítico polido com etiqueta marca com preço com informação do lugar de proveniência, Cuçari.



Fonte: Luan Friaes.

Imagem 20 - Lítico polido com etiqueta marca preço danificada.



Fonte: Luan Friaes.

Somadas às coleções arqueológicas, existem ainda muitos materiais históricos, entre eles está um órgão, instrumento parecido com piano que pertenceu à igreja matriz de São Francisco de Assis e depois foi de propriedade da Igreja de Santa Luzia para só então ser doado ao museu, aparentemente já com defeito.

Existem materiais que pertenceram ao primeiro jornal do município, de propriedade do senhor Joaquim Silva, tais como uma prensa. Inclusive, e a nível de curiosidade, ainda existe uma cópia do agradecimento feito pela professora Mary Lins para a família do antigo proprietário pela doação das prensas e uma das últimas notícias ainda na prensa.

Uma bomba de água de um modelo antigo da marca King que passou por algumas modificações e estava em funcionamento até recentemente, sendo utilizada para puxar água para a propriedade. Discos de vinil, vitrolas, rádios, aparelhos de som para CD e fita, aparelhos de VHS, Cds, fitas de música e fitas de VHS, mimeógrafos, máquinas de datilografia, impressoras, lamparinas, lanternas, porongas (lanternas a carbureto), abajures, cédulas de dinheiro, celulares, máquinas fotográficas, projetores de imagem, garrafas de vidro,

televisores, quadros, cartolas, óculos, decorações, restos de um orelhão telefônicos, cartões e fichas telefônicas, máquinas registradoras, materiais de escritório, placas com nomes de ruas, utensílios de cozinha, lunetas, ferros de passar que eram esquentados com brasa, microscópios, cafeteiras, baús, esculturas em balata (que estão compostas por 12 exemplares) e coisas bem recentes como alguns brinquedos de crianças (alguns em plástico, alguns em madeira, pano e porcelana), cerâmicas recentes entre muitos outros objetos.

Vale informar que existem objetos que antigamente faziam parte do cotidiano dos moradores do bairro que eram em sua maioria composta por pescadores e entre esses materiais podemos destacar remos, arpões, urus, caixas de ferramentas em madeira, das quais uma pertenceu ao Senhor Waldomiro Vasconcelos. Um dos remos é grande e pesado. O senhor Antonio Leal contou em entrevista que o antigo proprietário contava que só ele e mais uma pessoa conseguiam usar aquele remo.

Os livros e revistas estão em muitos exemplares, abordam os mais diversos assuntos e de diversas épocas. Alguns estão bem preservados, outros nem tanto. Entre eles temos livros de literatura brasileira e internacional, revistas de curiosidades, de decoração, de divulgação científica, livros escolares que seriam descartados, dicionários de português, inglês, alemão, livros de história, culinária, livros voltados ao ensino superior para as áreas de biologia, direito, geologia, livros sobre plantas medicinais, entre outros.

No museu também é possível encontrar alguns documentos históricos como uma edição do jornal Monte Alegre (imagem 21), o primeiro jornal da cidade fundado em 1921 (Carvalho, 2010, p.153), este exemplar está com data de 21 de setembro de 1941, onde um dos destaques era a festividade de São Francisco de Assis.

Essa era a edição do jornal de número 996 e foi impressa em folha azul; também existem outros jornais de outros municípios e de outros estados, são eles: o “Estado do Pará” com datas de 2, 5 e 7 de Dezembro de 1922, destacando a passagem do Avião Pinto Martins pelo estado; “Folha do Norte” com datas de 3 de dezembro 1922, também sobre a passagem do avião pelo estado e 10 de novembro de 1926; “Jornal do Comercio” de 29 de

dezembro de 1922; “Jornal do Recife” de 2 de março de 1923 e o “Jornal Pequeno” de 2 de Março de 1923.

Existem registros fotográficos com descrições de edifícios históricos e outros registros fotográficos mais antigos como a realização de embarque de castanha para exportação em um barco, fotografia datada de 1939 e estão coladas em papel A4 ou maior, ou ainda em papel cartão preto com descrições escritas em caneta no papel quase todas parecem estar em bom estado de conservação.

Imagem 21 - Fotografia do embarque de castanhas para exportação 1939.



Fonte: Arquivo pessoal Mary Lins

Imagem 22 - Jornal Monte Alegre de 14 de setembro de 1941.



Fonte: Luan Friaes.

### Capítulo 3: A importância do museu

É comum que as pessoas formem coleções arqueológicas e históricas com materiais que encontram no seu dia a dia, seja por morarem em cima de sítios arqueológicos, seja por encontrarem algum objeto dessa natureza ao passarem por ele. Por gostarem de colecionar ou por comprarem de outras pessoas e, em alguns casos, essas coleções acabam indo parar ou virando pequenos museus, dos quais alguns são comunitários e outros particulares. Os museus modernos surgiram dos gabinetes de curiosidades entre os séculos XV e XVI durante o renascimento eram coleções particulares que acabavam servindo como uma demonstração de poderio econômico das famílias principescas europeias, naturalistas também possuíam seus gabinetes para seu deleite ou para suas aulas na academias em ambos os casos eram ambientes destinados quase sempre para as pessoas mais próximas e geralmente eram arrumados de qualquer maneira, eles visavam coisas diversas como artefatos romanos (Suano, 1986; Carlan, 2008). Além de coisas consideradas exóticas e consideradas bonitas para os padrões das sociedades da época e que despertavam a curiosidade das pessoas . Mas os museus também são vistos por algumas pessoas como um lugar de se guardar coisas velhas, coisas obsoletas, porém o papel do museu não é apenas guardar essas “coisas velhas”, os museus são lugares de guarda, pesquisa e informação; são lugares que protegem memórias, protegem o material, mas também o imaterial.

Segundo o ICOM (2017, p. 3, apud Barroso p. 4) o museu deve ser

aberto ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Como já se mencionou, Monte Alegre não possui um lugar que sirva como museu e por isso durante muitos anos qualquer coisa relacionada à história do município estava a céu aberto e se restringia às construções que viraram parte do cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, acabam passando despercebidas pela população. Locais como residências, os fornos da COMARA, que são vistos de longas distâncias por estarem em lugar alto e que serviam para queimar calcário para fabricação de cal. Uma caldeira que fica no

bairro de Cidade Baixa e servia para fornecimento de energia e água para o bairro de Cidade Alta. Um monumento em homenagem às pessoas que ajudaram a construir o município, uma torre que servia de fábrica de cimento para a SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, entre outros, que muitas vezes apesar de serem vistos pela população não se consegue relacionar a nenhum fato sócio-histórico. Não temos algo relacionado às populações que nos antecederam (pré-contato), ainda que existam sítios arqueológicos dentro da área urbana e nem há objetos móveis do período pós-contato.

O único referencial que chega mais próximo disso é o PEMA, onde se encontram as pinturas rupestres famosas internacionalmente e bastante visitadas por turistas de diversos lugares do mundo. No entanto, o espaço do parque também não possui ainda um lugar relacionado a outros vestígios das populações que por aqui passaram. Além disso, possui um acesso difícil a algumas áreas que tornam necessário o uso de carros traçados, o que para algumas pessoas fica muitas vezes inviável financeiramente.

Nesse aspecto, o MBS acaba se destacando, visto que possui vestígios materiais de várias partes do município, inclusive da região onde o parque se encontra e de vários períodos do tempo, servindo dessa forma como uma espécie de coleção de referência das cerâmicas e líticos encontradas na região de Monte Alegre, bem como de materiais relacionados à história do município. Mesmo que os materiais arqueológicos não possuam mais suas origens precisas, sabe-se que existem materiais oriundos das comunidades de Limão, da região do Paituna, do Bairro de Surubeju, da comunidade de Água Azul e da comunidade de Cuçari, possuindo ainda a possibilidade da recuperação de informação sobre a origem de outros materiais. Não se tem como saber ao certo a fonte de origem de todos os materiais lá reunidos devido à falta de informação decorrente da deterioração de suas etiquetas e das anotações da professora Mary Lins. Outro ponto que torna o lugar importante é a localização do MBS, dentro da área urbana do município, o que facilita o acesso àqueles que não podem se locomover até o parque estadual de Monte Alegre. Como já mencionado o único período em que o acesso se

torna difícil é durante o período da cheia, haja vista que é comum que o rio chegue até a entrada do espaço.

Durante muito tempo o MBS serviu de referência para pessoas que encontravam materiais arqueológicos e não sabiam o que fazer, pessoas que tinham coisas que consideravam antigas e não podiam manter, essas pessoas na falta de um lugar apropriado e sabendo do interesse da professora Mary Lins por preservar e colecionar procuram o museu para doar a fim de que eles pudessem servir de fonte de informação para outras pessoas que tenham interesse, bem como servirem como uma maneira de preservar lembranças. O espaço recebeu inúmeras doações durante todos os seus anos e a professora Mary Lins já recebia doações antes mesmo de ter um lugar destinado ao museu e biblioteca.

Logo, o MBS acabou servindo como uma espécie de instituição de guarda, evitando assim que eles fossem descartados como ocorreram muito provavelmente com outros objetos em todo o município. Para além dos materiais, o espaço conta com muitos textos escritos pela proprietária e por outras pessoas sobre a história do município.

O espaço chegou a ser visitado em diversos momentos por diversas pessoas para pesquisa ou apenas por curiosidade; alunos de diversas escolas foram ao local atrás de informações sobre o passado do município para trabalhos escolares não apenas através dos objetos ou livros, mas também através da oralidade já que a professora Mary Lins possuía muita informação e foi entrevistada algumas vezes sobre questões relacionadas a isso e em alguns casos as pessoas acabavam voltando para fazer doações de materiais que possuíam.

## Capítulo 4: Materiais e métodos

A ideia básica é verificar e aplicar métodos para a documentação dos materiais presentes na coleção do museu, baseando-se em trabalhos já realizados em outras partes do país e do mundo como os trabalhos de Braga (2012) realizados na Quinta do Rouxinol em Portugal, e o trabalho de Bandeira (2011) realizado no Centro Cultural João Fona (CCJF), Santarém, Pará entre outros trabalhos.

Como já mencionado, nenhuma das peças presentes no MBS foi documentada, tendo a maior parte das informações perdidas, o que dificulta o trabalho, mas a coleção apresenta ainda possibilidade de recuperação de informações e apesar de ser composta por materiais de diversos períodos, diversos matérias primas e de diversas funcionalidades como já mencionado anteriormente, indo de objetos arqueológicos a livros, será dado enfoque na coleção de materiais arqueológicos, visto que estes são os materiais que a família mostra maior intenção de uma possível doação ao PEMA.

Para esse trabalho se pensou como metodologia, o levantamento bibliográfico referente a outros trabalhos realizados com museus, inclusive de fora do país, visto que muitos museus seguem as normas do ICOM. Na bibliografia encontrada foi possível notar que apesar de existirem normas específicas que foram criadas durante as reuniões do ICOM, não foi encontrado um modelo de ficha padrão para esse tipo de trabalho. Padilha (2014) propõe um modelo de ficha de catalogação e menciona que se deve buscar o máximo de padronização em relação a outras instituições, mas sempre levando em consideração a singularidade de cada coleção. Braga (2012), usou em seu estágio no Ecomuseu do Seixal, em Portugal, uma ficha de catalogação digital em excel e também em suporte Filemaker Pro. Bandeira (2011) em seu trabalho de PIBEX no CCJF criou uma ficha de inventário para a instituição de forma manual e posteriormente passando as informações para planilhas para facilitar a busca de informações por diferentes itens.

Observando essas e outras bibliografias foi decidido então o uso de um modelo de ficha do IPHAN para registro de bens móveis e o "thesaurus para

acervos museológicos” seu primeiro volume foi criado por Ferrez e Bianchini juntamente com o Museu Nacional (1987) na tentativa de uma padronização dos termos relacionados a objetos musealizados.

Além do levantamento bibliográfico, também foram necessárias idas ao MBS para entrevistas com os parentes da professora Mary Lins que ainda residem lá, sua filha mais velha e seu marido, tanto para conhecer melhor a história da criadora do espaço, quanto para conhecer melhor o ambiente, os itens ali contidos e registrá-lo através de fotografias. levantamento dos bens ali presentes, realizando o processo de catalogação por meio de ficha de registro, sugestões de organização e preservação dos materiais.

#### **4.1 Entrevistas**

As entrevistas foram pensadas a princípio para serem realizadas com os familiares e amigos da professora Mary Lins, para tentar encontrar pessoas que fizeram doações para o MBS. Devido a alguns contratempos só foi possível realizar algumas entrevistas; com a filha mais velha dela que possui muitas informações, tanto da coleção, quanto da professora Mary. Todas as entrevistas foram realizadas buscando as informações da idealizadora do projeto. Buscando informações sobre o MBS e sempre procurando, de fato, saber da origem desses materiais, visto que algumas pessoas presenciaram a chegada deles no espaço. A outra entrevista foi realizada com o senhor Antonio Leal, marido da professora Mary Lins.

A primeira entrevista foi realizada com Ana Mary Lins Leal, professora na EETEP (Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará) Monte Alegre, responsável pelo espaço do MBS e filha da professora Mary Lins Leal no dia 09/10/2022. Ela mencionou a vida da mãe, o interesse dela pelos materiais arqueológicos, a forma como sua mãe registrava e conhecia os materiais e sítios, a criação do museu e biblioteca. Na oportunidade, mencionou o seu interesse em doar as peças ao PEMA, sobretudo em decorrência da falta de tempo devido ao seu trabalho, o que a impede de cuidar adequadamente do espaço e, conseqüentemente dificulta a visita de outras pessoas ao local.

Ela ainda admite que o espaço não está adequado para guardar o material arqueológico, pois não atende aos critérios de um museu.

Outras entrevistas subsequentes a essa também foram realizadas com Ana Mary, todas buscando informações que pudessem contribuir com o andamento das pesquisas realizadas no espaço do MBS, como informações sobre os documentos e materiais históricos e também arqueológicos que estão sob a guarda da família da professora Mary Lins.

A entrevista com o senhor Antonio Leal foi realizada em 05/04/2023 devido ainda sentir bastante a perda de sua esposa a entrevista demorou para acontecer, e foi o mais breve possível. O mesmo falou sobre a relação com a professora Mary Lins, a vida dela na cidade de Belém, como começaram a namorar e posteriormente como constituíram família. Falou de algumas das peças que mais lhe chamam a atenção no museu, sua origem e seu processo de aquisição.

#### **4.2 O uso de fotografias para o processo de pesquisa**

Muitos foram os obstáculos para conhecer, analisar e, conseqüentemente, catalogar os objetos do MBS, principalmente pelo fato de o curso de arqueologia ser no município de Santarém e o MBS estar localizado no município de Monte Alegre, o que dificultava minhas idas ao espaço. Outro obstáculo enorme era a quantidade de objetos, dos quais a maioria não continha informações necessárias registradas. Foi pensado que as fotografias seriam um meio de ajudar e, daí sim, catalogar as peças nele existentes. Uma das razões é que, assim como através de fotografias, pode-se captar sítios com arte rupestre, uma vez que facilita o acesso a informações, visto que muitas vezes não se têm a possibilidade de estar voltando com frequência a eles e não se têm a possibilidade de estar levando os objetos de estudo para laboratório. O uso de fotografias para o espaço do MBS também se tornaria válido porque através das fotos foi possível verificar informações como quantidade de materiais arqueológicos, quantidade de estantes com livros e materiais históricos.

Vale ressaltar que alguns dos livros se encontram com sua integridade física comprometida, sem identificação (capa, sobrecapa, título). Da mesma forma alguns documentos se encontram ilegíveis e deteriorados devido sua má conservação, dificultando seu manuseio, leitura e análise. Outro desafio encontrado foi a falta de informações gerais sobre o espaço. Por essa razão, as fotografias foram os recursos mais eficientes no processo de conhecimento e de detalhamento do acervo encontrado no MBS. Pois, a partir delas se tornou possível analisá-las mesmo à distância. Para melhorar a compreensão, mediante as dúvidas que iam surgindo, mantinha contato com os membros da família da professora Mary Lins e, assim, conseguia entender o porquê de algumas questões de suma importância para concluir meus relatórios e pesquisas.

As fotografias foram tiradas a princípio seguindo a ideia da antropologia visual de plano geral tentando capturar o maior número de informações sobre o espaço, plano intermediário tentando já focar em informações mais específicas e plano detalhe focando em objetos específicos para tentar obter o maior número de informações possíveis (Okuyama et al. 2018). Para os materiais arqueológicos, a priori, foram feitas fotografias do espaço como um todo dando a entender a localização de muitos dos objetos e estantes.

Após isso foram feitos registros de cada uma das estantes em si e logo em seguida foram feitas fotografias de cada uma das prateleiras, já para os materiais arqueológicos foram realizados registros de cada um dos recipientes com os materiais e depois apenas seu conteúdo, buscando realizar fotos mais gerais, apenas para poder entender melhor a coleção que posteriormente facilitariam obter respostas sobre perguntas específicas.

As fotos mais detalhadas de cada objeto seriam tiradas durante o processo de documentação para que ajudassem no registro dos mesmos e, como será necessário uma foto do objeto registrado, uma delas já irá para a ficha.

### 4.3 A importância da documentação

A documentação museológica serve para que as pessoas que trabalham nos museus saibam onde se encontram as peças dentro do seu ambiente, quantas são, seu estado de conservação, se já passaram por algum tipo de intervenção ou se precisam passar por uma, se foram furtadas, transferidas ou emprestadas para outras instituições, seus lugares de origem e as formas de aquisição e controle é necessário um trabalho minucioso e com responsabilidade, sobretudo no que se refere a documentação.

Mais do que apenas descrever e organizar, a documentação de acervos museológicos ajuda a proteger, identificar e (re)conhecer melhor sua coleção. Ela deve ser realizada da forma o mais detalhada possível. Deve ser suficiente para ajudar a identificar um objeto na ausência de registros imagéticos, mas também deve complementá-lo. Dessa forma, a documentação deve ser feita de forma exaustiva, buscando descrever pormenorizadamente as informações e atributos dos bens (ICOM, 2009, p. 1 apud Braga, 2012, p. 13).

É importante reiterar que após o falecimento da professora Mary Lins Leal, a família decidiu fazer uma possível doação das peças ao Parque Estadual de Monte Alegre (PEMA) para que esse material ficasse em exposição permanente, visto que por ser um lugar onde existe a presença de muitos turistas elas poderiam ser apreciadas e estudadas por mais pessoas e com um acesso mais fácil. A filha da professora Mary, a atual responsável pelo museu, trabalha a maior parte do dia como professora, impossibilitando-a de zelar e de abrir o ambiente para visitação. Com a ausência de sua mãe, a professora Ana Lins se inquieta pelo fato do lugar ter se tornado inacessível, contrariando o pensamento e o sonho de sua idealizadora. lamenta o fato de a coleção não poder ser apreciada e estudada. Ademais, gostaria também que esse local se tornasse um lugar de referência.

Pensando assim, eles (PAI E FILHA) tomaram a decisão de uma possível doação. Assim, a necessidade de conhecer e identificar melhor os materiais, tornou-se ainda maior. Porém, mais do que apenas conhecer é preciso registrar tudo o que se encontra ali, haja vista que as peças estão sem

identificação. É difícil saber de forma precisa o que está no espaço: tipo de material, quantidade, seu estado de conservação e suas origens. Um exemplo são os livros, pois alguns não possuem mais a capa e estão com estado de conservação ruim, o que impede que se obtenha, através do manuseio, informações que se relacione a títulos, temáticas e dados bibliográficos.

É relevante se pensar em maneiras de seleção e de conservação adequadas, bem como uma forma de organização por títulos e áreas do conhecimento, pois assim os visitantes poderiam se deleitar e pesquisar com mais praticidade e eficiência.

Outra preocupação é que as peças possam ser transferidas de forma segura e, conseqüentemente, fiquem sob a proteção de pessoas competentes e com disponibilidade de tempo para servirem à sociedade no que se refere às informações dos povos que nos precederam. Logo, é necessário que esse processo de identificação e de catalogação seja feito urgentemente e de forma mais descritiva possível, viabilizando assim o possível processo de doação e uma das formas de viabilização é a seleção, enumeração e a captação de imagens.

#### **4.4 O processo de documentação**

Esse processo, como já mencionado, serve para que o objeto seja identificado, mas também para catalogar, classificar e indexar qualquer bem e que ele possa ser estudado ou passe por processos de conservação e de restauração. Esse trabalho precisa, sem dúvida alguma, de uma fonte valiosa de informações.

Antes de qualquer coisa, o material precisa ser numerado, receber um número de tombo que sirva como identificação. Para este caso específico do MBS se pensou como sugestão na seguinte forma de identificação MBS: sigla do Museu e Biblioteca Sinhazinha; C: Cerâmica, L: Líticos, F: Fósseis, H: Histórico, LR: Livros e revistas; 01: numeração, **sendo assim caso as cerâmicas fossem registradas ficaria MBS-C-01, MBS-C-02** e assim sucessivamente. para peças individuais, mas que estão quebradas, e podem

ser remontadas a sugestão era dar o mesmo número, mas acrescentar algo que indique que é uma peça apenas como o caso de dois fragmentos de base que estão quebrados, porém visivelmente se vislumbra apenas um.

Depois será necessário registro fotográfico de cada peça e após a descrição geral do objeto, morfologia, seu estado de conservação, se possível sua origem, forma de manufatura entre outros atributos. Após cada peça receber seu número de tombo se realiza o registro fotográfico para ajudar na identificação dos objetos. Posteriormente, descrever seu estado de conservação no período do registro e então começa-se o processo de descrição das peças com a ideia de aplicar a ficha de cadastro de bem arqueológico móvel do IPHAN, presente em anexo na portaria 196 de 2016 do mesmo órgão (anexo III).

Testando-a para ver se a mesma pode ser a melhor ficha ou se seria necessário outra ficha feita exclusivamente para o MBS, a ideia é descrever cada um dos materiais, se é arqueológico ou histórico, sua matéria prima, sua morfologia, seu tamanho, seu estado de conservação, sua origem sempre que for possível, o nome do doador e a data da doação. Sempre que possível, sua funcionalidade, número das fotos e observações pertinentes, dando prioridade para as peças arqueológicas, que como já mencionadas, podem ser doadas para o PEMA. Mas, devido ao tempo, a ideia era catalogar algo em torno de 5 a 15 peças neste primeiro momento, com foco especial nas peças que já possuem alguma informação atribuídas a elas, como forma de experimento e exemplificação.

Dessa forma, verificando se a aplicabilidade da ficha do IPHAN é plausível para o uso na coleção do MBS ou se será necessário recorrer a outras fichas já utilizadas por outros autores. Ou ainda, a criação de uma própria. Posteriormente, a ideia é dar continuidade a esse trabalho, buscando descobrir e redescobrir informações perdidas sobre os materiais que compõem essa coleção, o que pode demandar uma grande quantidade de esforço e tempo.

Durante a realização desses procedimentos, a ideia é alimentar uma planilha que contém a ficha citada anteriormente com informações de cada uma das peças registradas, facilitando a busca por informações posteriores sobre a coleção, seu número de tombo, sua forma de aquisição (sempre que possível),

sua matéria-prima entre outras informações pertinentes e que ajudam na identificação do objeto. Além disso, é comum que os museus usem um livro de tombo ou livro de catalogação para registrarem cada peça da coleção, sendo essa uma das possíveis etapas a serem realizadas em um momento posterior.

## Capítulo 5: Pré-requisitos para um espaço físico se tornar um museu

De acordo com a lei Nº 11.904 de janeiro de 2009, que instituiu o estatuto de museus, em seu art. 1º.

museus são instituições sem fins lucrativos que, conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjunto e coleções.

O MBS já cumpre a maior parte desses requisitos mesmo sem apoio do estado, uma vez que trabalha sem cobrar dos visitantes, ajudou a conservar de certa forma muitos dos materiais que seriam provavelmente descartados e os materiais ficam todos expostos para seus visitantes, já sendo alvo de visitação de alunos de escolas do município e de turistas que tinham interesse em conhecer cerâmicas encontradas em Monte Alegre.

Segundo a mesma lei em seu art. 2º "os princípios fundamentais dos museus são I - A valorização da dignidade humana; II - A promoção da cidadania; III - O cumprimento da função social; IV - A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V - A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI - O intercâmbio institucional."

O cumprimento de todos esses princípios não era apenas do interesse da professora Mary Lins, como também já vinham sendo cumpridos alguns deles, mesmo que de forma não oficial.

Segundo o art. 7º "a criação de qualquer museu é livre independente do regime jurídico." No art. 8º "tanto a criação como a fusão e a extinção dos museus devem ser efetivados por meio de documento público." no § 1º do mesmo artigo diz que "a elaboração dos planos, projetos e programas museológicos que visem à fusão ou à manutenção dos museus deve estar de acordo com a lei nº 7.287 de 18 de dezembro de 1984." O § 2º diz que "a criação, fusão ou extinção deverá ser registrado no órgão competente do poder público."

Para os artigos 7º e 8º mesmo que nunca tenha sido oficializado essas etapas estavam contidas no plano museológico (Anexo I) criado pela professora para o MBS. Além disso, os artigos 17, 18, 19 e 20 também já estavam contemplados no plano museológico e era reconhecido pela professora todos

os ajustes a serem feitos para tornar o ambiente mais acessível e funcional. Além dos profissionais especializados a serem contratados, como, por exemplo, o museólogo.

O artigo 44 diz que "é dever dos museus elaborar e implementar um plano museológico." No artigo 45 vemos que o plano museológico é a ferramenta básica para todo o museu definir suas diretrizes e o caminho que o mesmo irá tomar.

Porém, talvez seja necessário também uma flexibilização dessas normas e pensar em políticas que apoiem pequenos museus de forma a contemplar casos como o do MBS, que não contemplou todos esses passos até o momento e portanto não é reconhecido como um museu. Mas, ele realiza já a bastante tempo o papel fundamental de um. Em Monte Alegre não existe e não houve até o presente momento qualquer sinal do Estado para a criação de um espaço que sirva como museu, o que acaba deixando a história do município cada vez mais esquecida e menos valorizada. Com exceção do PEMA que sinalizou recentemente a ideia de criar um espaço para exposições de curta e longa duração.

A professora Mary Lins criou, mesmo que não tenha sido finalizado, um plano museológico que pretendia contemplar a lei e também ajudou a preservar, mesmo que apenas uma pequena parte, da história do município de Monte Alegre.

Infelizmente, sem apoio, durante o período em que a professora Mary Lins começou a ter dificuldades de locomoção, muitas informações foram perdidas e o projeto idealizado por ela não teve continuidade. Com o seu falecimento o espaço ficou menos acessível e mesmo assim na esperança de manter vivo o sonho da professora, sua filha Ana Lins abre o espaço para visitação sempre que solicitado.

Com a possível doação das coleções ao PEMA é necessário que o mesmo cumpra os requisitos da lei para que os materiais fiquem expostos e sejam preservados corretamente, como, por exemplo, a contratação de pessoas especializadas em museologia e arqueologia.

**Considerações finais:**

Considerando que o respectivo trabalho objetiva alcançar um meio de contar a história da criadora do MBS e da aquisição de sua coleção, além de pensar em como documentar o seu acervo, que apesar de não ter muitas informações sobre seus materiais, contém uma vasta gama de informações que podem ser extraídas e resgatadas deles.

Após a ideia da filha da professora Mary Lins de se fazer uma possível doação das peças ao PEMA tornou-se ainda mais importante a documentação de todo o seu acervo arqueológico para que nada fosse perdido.

Dando ênfase em formas de armazenamento e de conservação desse material que vem de inúmeras partes do município e que ainda pode, com um certo trabalho, ter suas informações recuperadas. De modo que possam servir não apenas como algo material expositivo, mas também como uma fonte valiosa de informação para a população de Monte Alegre, pesquisadores e turistas que tenham interesse em conhecer essa coleção.

Nas pesquisas foi possível entender melhor o projeto de colecionar da professora Mary Lins, bem como conhecê-la melhor: seus planos, sonhos e interesses. Também se conseguiu entender um pouco do MBS, criado por ela, bem como foi possível ter a noção, mesmo que mínima, das suas coleções, a sua grande diversidade de livros. Conhecer os materiais históricos de diversos períodos do município enquanto cidade de Monte Alegre e a grande quantidade de materiais arqueológicos que dão uma noção, mesmo que mínima, de quão rico em histórias e sítios arqueológicos o município é.

Pode-se, a partir desse trabalho, resgatar a memória do povo “pinta-cuia”, seus hábitos, costumes, tradições ao longo dos anos, já que o município não possui nenhum museu que resguarde essa memória e sua riqueza sociocultural, política e histórica, alijando sua população de informações que a façam dar sentido ao que pensamos, por que agimos, reagimos, vestimos e acreditamos na contemporaneidade.

Infere-se, inclusive, que o respectivo acervo não reúne todas as informações contundentes sobre as peças que o constituem. Entretanto, servem como

estímulo, motivação e, acima de tudo, como um norteador e subsídio para outras fontes de pesquisa, que decerto elucidarão as dúvidas e os questionamentos de quem se interessa e pode vir a se interessar pela origem do povo montealegrense.

Com o trabalho de catalogação torna-se, portanto, mais viável uma possível doação das peças arqueológicas ao Parque Estadual de Monte Alegre. Além de ajudar a conhecer melhor e a pensar em formas de proteger, conservar e expor o material, tanto à população local, como aos visitantes do supramencionado parque, aproveitando os utensílios que foram colecionados pela professora Mary Lins Leal e, assim pondo em prática o seu desejo de ajudar as pessoas através desse projeto.

Portanto, a ideia é que o trabalho de catalogação continue após o término do curso de forma a contemplar toda a coleção.

Uma das conclusões a que cheguei foi a de que o poder público poderia se valer desse acervo e a partir dele estimular e estruturar um ambiente que configura-se realmente um museu, contribuindo para respeitar a identidade de seu povo, sua origem e sua importância histórica e social.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Keiliane de Lima. **O patrimônio arqueológico e o centro cultural João Fona.**

BARRETO, Cristiana; NASCIMENTO, Hannah Fernandes; PEREIRA, Edithe. Lugares persistentes e identidades distribuídas no baixo amazonas: Complexos cerâmicos pré-coloniais de Monte Alegre, Pará. **Revista de arqueologia**, V. 29 No. 1, 2016.

BARRETO, Cristiana; NASCIMENTO, Hannah Fernandes. As cerâmicas dos sítios a céu aberto de monte alegre: subsídios para a arqueologia do baixo amazonas, 2016. In: Cristiana Barreto; Helena Lima; Carla Betancourt. (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**. 1 ed. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura, 2016, v. 1, p. 275-291.

BAUER, Jonei. **Os 5 itens obrigatórios para a criação de um museu.** Tríscele, 10/01/2018. Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/itens-para-a-criacao-de-um-museu>. Acesso em 20/04/2023.

BEZERRA, Marcia. Com os cacos no bolso: O colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**. O patrimônio do Norte: Outros olhares para gestão. N° 38. 2018.

BRAGA, Ana Isabel Vieira; **Sistema de documentação e inventário de uma coleção de cerâmica arqueológica da quinta do rouxinol**. 2012.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Os museus e o patrimônio histórico: Uma relação complexa**. 2008.

CARVALHO, Rosivaldo Batista de. **Almanaque Monte Alegre** - 2ª ed. 2010.

CRIADO, Maurício Rabelo, **A cerâmica santarém e konduri da coleção do centro cultural João Fona** – sob uma perspectiva de análise cerâmica. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Estudos museológicos**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 64-74.



17/04/2023.

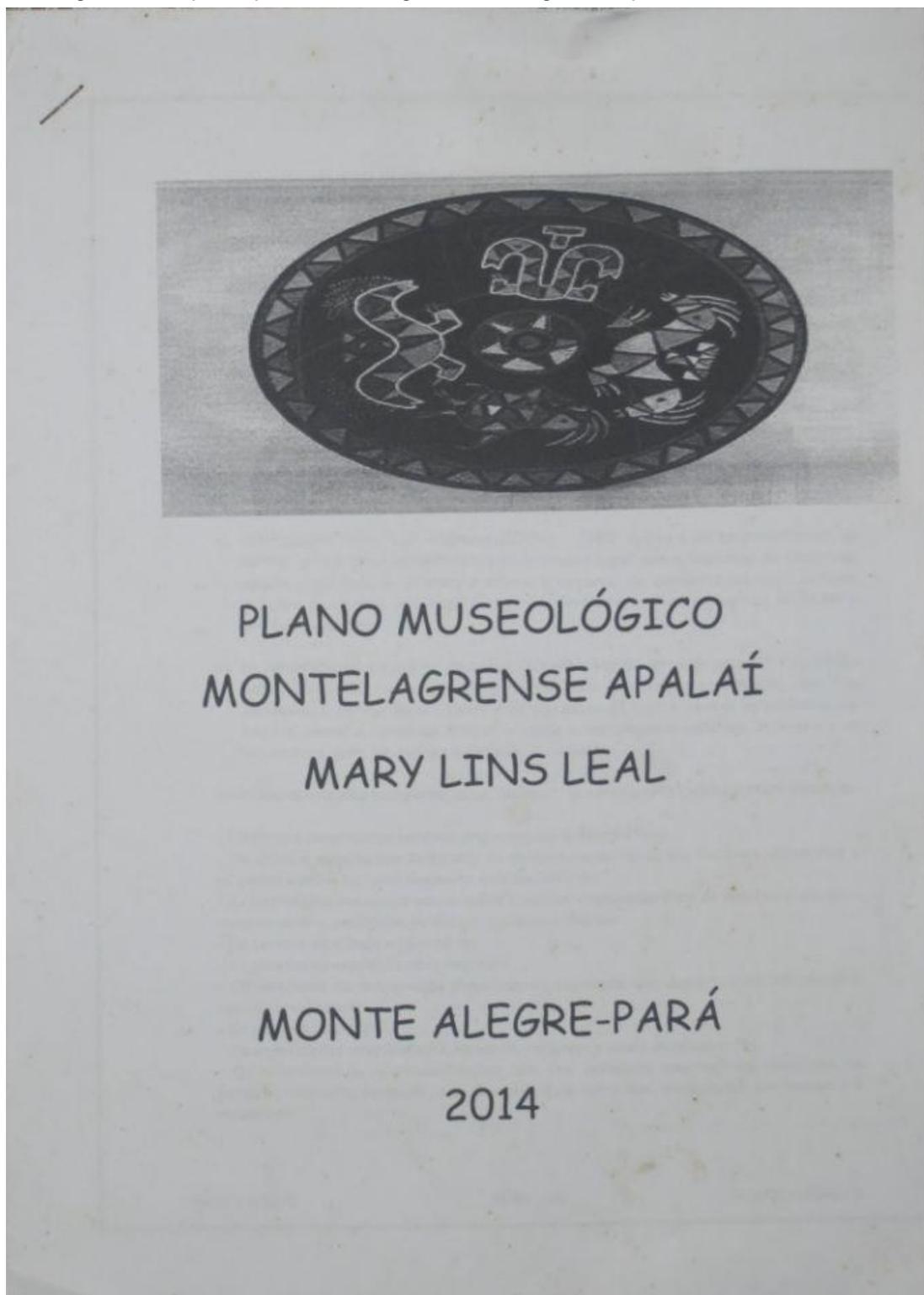
SUANO, Marlene. **O que é museu**. 1986.

TROUFFLARD, Joanna. Cerâmicas da cultura santarém, baixo tapajós. In: Cristiana Barreto; Helena Lima; Carla Betancourt. (Org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**. 1 ed. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura, 2016, v. 1, p. 249-264.

**ANEXO I**

## Plano Museológico Museu Apalaí

Imagem 23: Capa do plano museológico Montealegrense Apalaí.



Fonte: Luan Friaes.

## PLANO MUSEOLÓGICO MONTEALEGRENSE "APALÁI"

### 1 - INTRODUÇÃO

#### 1.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES

**MUSEUS:** Origem do vocábulo - do grego mouseion, remonta ao templo das musas, filhas de Zeus (Poder) e Mnemósine (Memória), que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-los para a coletividade.

**MUSEOLOGIA:** disciplina que trata de estudar a relação entre o homem e o bem cultural num determinado espaço (cenário).

Definições de Museu:

a) International Council of Museums (ICOM) 1956: Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários.

b) International Council of Museums (ICOM) - Versão aprovada pela 20a Assembléia Geral. Barcelona, Espanha, 6 de julho de 2001: Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Além das instituições designadas como "Museus", se considerarão incluídas nesta definição:

Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos

- Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquiram, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno
- As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais - como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e vivários
- Os centros de ciência e planetários

As galerias de exposição não comerciais

Os institutos de conservação e galerias de exposição, que dependam de bibliotecas e centros arquivísticos

- Os parques naturais

- As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus
- Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia

- Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais

Qualquer outra instituição que (...) reúna algumas ou todas as características do museu, ou que ofereça aos museus e aos profissionais de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da Educação ou da Formação.

"O museu é uma instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I-o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III - A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social:

IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações:

V - a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI a constituição de espaços democráticos e diversificação de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

Sendo assim, são considerados museus, independente *de* sua *denominação*, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas."

**MEMÓRIA:** Processo de associações mentais que se origina de um sistema de relações entre a nossa percepção e imagens, fatos, fenômenos e/ou experiências vividos. Este processo é fortemente vinculado ao presente (o indivíduo percebe o passado a partir do presente); permanentemente e contínuo; e inconsciente, ainda que nem sempre involuntário. É o processo de memória que identifica o homem como gerador de cultura, e que oferece os parâmetros utilizados pela espécie humana no seu caminho civilizatório.

**CULTURA:** A cultura expressa nossa relação com a produção e a reprodução da vida; por isso vem do verbo cultivar. Interpreta e define nossa relação econômica, política e social com o mundo. É como nós trabalhamos, comemos, pensamos, nos vestimos, organizamos, sentimos, escolhemos nossos amores, amamos, nos divertimos, refletimos, lembramos, falamos, rimos, choramos, nos vemos, educamos nossas crianças e enterramos nossos mortos. É como entendemos a nós mesmos no mundo e como vivemos esse entendimento." (Deny Frontline, 1988)

**PATRIMÔNIO:** "Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico." (Decreto Lei no 25 de 30 de novembro de 1937; Cap. I, Art. 1º)

"Constituem *patrimônio cultural* brasileiro os bens de natureza material e *imaterial*, tomados individualmente *ou* em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico." (Constituição da República Federativa do Brasil - Capítulo I, Seção I, Artigo 216 - 05 de outubro de 1988)

Livros de Tombo (patrimônio material).

Art. 4º O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º

desta lei, a saber:

- 1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2o do citado art. 1o.
- 2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interêsse (sic) histórico e as obras de arte histórica;
- 3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;
- 4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluírem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

§ 1o Cada um dos Livros do Tombo poderá ter vários volumes.

§ 2o Os bens, que se incluem nas categorias enumeradas nas alíneas 1, 2, 3 e 4 do presente artigo, serão definidos e especificados no regulamento que for expedido para execução da presente lei.(Decreto Lei no 25)

Livros de Registro (patrimônio imaterial)

Art. 1o Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1o Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2o A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a

identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3o Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo deste artigo. (Decreto no 3.551-04 de Agosto de 2000).

## 1.2- BREVE HISTÓRIA DOS MUSEUS

j

Comédia Máscara cômica e coroa de hera ou um bastão

Terpsícore - A rodopiante Dança Lira e plectro Urânia A celestial Astronomia  
Globo celestial e compasso

Surgido no século I a.C. graças à prosperidade da dinastia dos Ptolomeus, no Egito. Tratava-se de um complexo de edifícios construídos no famoso palácio de Alexandria, que comportava diferentes instalações: biblioteca, anfiteatro, observatório, salas de estudo e trabalho, um jardim botânico e zoológico, além de diversas coleções ligadas à Geografia, Astronomia, Religião, Filosofia, Medicina e a outros campos do conhecimento, que tinham como principal função o estudo das ciências.

Hoje, o International Concil of *Museums* a instituição que conserva coleções de objetos de arte ou ciências, para fins de preservação ou apresentação pública.

Os museus modernos foram criados no século XVII a partir de doações de coleções particulares como a de Grimani a Veneza. Mas, o primeiro museu como conhecemos hoje surgiu a partir da doação da coleção de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford, conhecido como Ashmolean Museum. O segundo museu público foi criado em 1759, por obra do parlamento inglês, na aquisição da coleção de Hans Sloane (1660-1753), que deu origem ao Museu Britânico.

O primeiro museu público só foi criado, na França, pelo Governo Revolucionário, em 1793: o Museu do Louvre, com coleções acessíveis a todos, com finalidade cultural.

recreativa

O Séc. XIX surgem muitos dos mais importantes museus em todo o mundo, a partir de coleções particulares que se tornam públicas: Museu do Prado (Espanha). Museu Mauritshuis (Holanda). Somente em 1870, nos Estados Unidos, é fundado o Museu Metropolitano de Arte, em Nova York.

No Brasil, o primeiro museu data de 1862, o Museu do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (Pernambuco). Os outros museus brasileiros foram todos fundados durante o século XX, sendo o mais importante, pela qualidade do acervo, o MASP - Museu de Arte de São Paulo, fundado em 1947.

### 1.3-MUSEUS NO BRASIL

a) Século XVII: Mauricio de Nassau construiu o Palácio de Vrijburg, em Pernambuco, onde havia um horto tropical de árvores frutíferas, plantas ornamentais, medicinais e um zoológico com araras, tucanos, tamanduás e outros

espécimes da fauna dos trópicos. No meio do parque, o palácio do príncipe era decorado com objetos indígenas e telas dos artistas Franz Post e Eckhout.

b) Século XVIII: Jardins Botânicos e a Casa de Xavier dos Pássaros (RJ) - 1784: Criada em 1784 pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, a Casa de História Natural colecionou, armazenou e preparou, por mais de vinte anos, produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa. O principal responsável pela Casa dos Pássaros foi Francisco Xavier Cardoso Caldeira, conhecido como Francisco Xavier dos Pássaros

c) Século XIX: - Vinda da família real portuguesa para o Brasil - 1808 - Museu Real: foi fundado pelo decreto de 06/06/1818, com a função de "propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes".

Exemplos de alguns museus criados: 1838 - Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

1864 - Museu do Exército

1868 - Museu da Marinha

- 1871 - Museu Paraense Emílio Goeldi

-1876 - Museu Paranaense

- 1895-Museu Paulista

d) Século XX: - Décadas de 1920, 1930 e 1940: Neste período colocou-se em prática a idéia da construção de um Estado onde as elites têm papel de destaque no encaminhamento da questão política e cultural. São temas fundamentais:

1. A criação da nacionalidade
2. O estudo científico da realidade brasileira

- Algumas instituições museológicas criadas durante a República: 1922 - Museu Histórico Nacional

-1930- Museu Casa de Rui Barbosa (o primeiro museu casa do Brasil)

1932-Curso de Museus

· 1934 - Inspetoria de Monumentos Nacionais

Tanto o Curso de Museus como a Inspetoria de Monumentos Nacionais, são considerados marcos. O primeiro na institucionalização da Museologia e dos estudos de museus no Brasil.

O segundo foi um dos principais antecedentes do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, criado em 1937.

- 1937 - Museu Nacional de Belas Artes 1938 - Museu da Inconfidência

- 1943 - Museu Imperial

- 1946 - ICOM (Conselho Internacional de Museus)

e- Década de 1960: criam-se os Museus Villa-Lobos e da República, um grande número de museus militares e surgem também um grande número de museus municipais.

• 1963 - Associação Brasileira de Museologistas - ABM 1967- Museu Lasar Segall

f- Década de 1970: com a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, teve início o Movimento da Nova Museologia (MINOM) que se consolidou nos anos 1980. México, França, Suíça, Portugal e Canadá foram inicialmente os formuladores desta nova concepção.

É neste momento que o conceito de museu passou por uma grande transformação: casas, fazendas, escolas, fábricas, estradas de ferro, minas de carvão, planetários, jardins botânicos, tudo isto poderia, a partir de agora, receber um olhar museológico.

- 1976 - Encontro Nacional de Dirigentes de Museus e os Subsídios para uma Política Museológica Brasileira 1984 - Declaração de Quebec

- 1984 - Regulamentação da profissão de museólogo no Brasil

2 1.4 Museus no mundo contemporâneo 1.5 Tipologias de museus

## 1.4 - MUSEUS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

- A batalha contra os museus foi um fato persistente da cultura modernista. Nos fins do século X e início do XI, o museu passa de "bode expiatório" a "menina dos olhos" das instituições culturais.
- O papel do museu como um local "conservador elitista" ou como "bastião da tradição da alta cultura" dá lugar ao museu como cultura de massa, como um lugar de uma mise-en-scène espetacular.
- O museu transforma-se no paradigma-chave das atividades culturais contemporâneas.
- O novo museu e as novas práticas de exposição correspondem à mudança do perfil dos frequentadores.

## 1.5 TIPOLOGIAS DE MUSEUS

### 1. MUSEU CLÁSSICO

#### 1.1 Museu clássico ortodoxo (acadêmico):

- Núcleos de exposição integrados Espaços bem delimitados para cada núcleo
- A exposição segue um ROTEIRO DEFINIDO (circuito)
- Há uma ênfase no OBJETO COMO PRODUTO CULTURAL (o museu tradicional valoriza o objeto) Objeto em si (técnica conceitual)
- Conjuntos de objetos (técnicas de ambientação e de reconstituição)

#### 1.2 Museu clássico do tipo interativo (exploratório):

- Exposição em núcleos definidos Espaços não rigidamente delimitados
  - Há uma ênfase na PERCEPÇÃO e no TEMPO do visitante
  - Trabalha um novo conceito de OBJETO
- Dá ênfase aos conjuntos
- Não há roteiros definidos, mas conjuntos interativos
- A compreensão só é possível com a participação do visitante.

#### 1.3 Museu clássico com coleções vivas:

- Exposição em núcleos definidos
- Núcleos definidos por classificação científica ou ocorrência segundo critérios

ecológicos (ex.: plantas da Floresta Amazônica; peixes do pacífico). Ênfase no ACERVO, que é constituído por ESPÉCIMES VIVOS

- Característica: o acervo se reproduz em exposição
- Pode ou não ter um roteiro definido

Há pouca interação entre visitantes e acervo

- Provoca intensa reação no visitante - mas para que haja real compreensão, é necessário o complemento educativo ou gráfico (ex.: textos)

## 2. MUSEUS DE TERRITÓRIO

### 2.1 Museus Comunitários e Ecomuseus

- Baseados na musealização de um território. Ênfase dada às relações culturais e

sociais Homem/território

- Características: valoriza PROCESSOS NATURAIS E CULTURAIS e não os objetos enquanto produtos da cultura. Baseada no TEMPO SOCIAL
- Pode conter exposições tradicionais, baseadas em objetos.

Diferença entre museu e ecomuseu, segundo o Ecomuseu do Quarteirão Cultural: MUSEU ECOMUSEU

Prédio Território

Visitante População/ Comunidade participativa

Coleção de objetos Patrimônio Público

### 2.2 Parques Naturais e outros sítios naturais musealizados

- Baseados na musealização de um território Ênfase dada às relações entre os diversos componentes de um ecossistema (nos quais se inclui ou não a presença humana)

Característica: valoriza PROCESSOS NATURAIS E CULTURAIS e suas conseqüências e produtos Baseada no tempo natural (biológico)

- Pode conter exposições tradicionais, com espécimes e objetos.

### 2.3 Cidades monumentos

Informações em: <http://www.fiocruz.br/omcc>

Contatos

em:

<http://www.fiocruz.br/omcc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=faleconosco>

## 2.2 Sistema Brasileiro de Museus

### 2.2.1 Cadastro Nacional de Museus

### 2.2.2 Observatório de Museus e Centros Culturais

## 3. LEGISLAÇÃO NACIONAL

### 3.1 Leis de proteção do patrimônio - alguns destaques

### 3.2 Código de Ética Profissional do Conselho Internacional de Museus - ICOM

### 3.3 Código de Ética Profissional do Museólogo - COFEM

### 3.4 Lei 7.287 - Regulamentação da profissão de Museólogo

## 4. CRIAÇÃO DE MUSEUS

### 4.1 Documentos relativos à constituição jurídica da instituição 4.2 Estatuto ou Regimento interno

Antes do ato de criação de um museu é necessária a apresentação de um projeto. - Termo de criação:

- Decreto lei: decreto que o chefe do poder executivo expede, com força de lei.
- Portaria: documento de ato administrativo de qualquer autoridade pública que contém instruções acerca da aplicação de leis ou regulamentos, normas de execução.
- Ato Institucional: estatuto ou regulamento criado pelo governo.
- Documentos institucionais obrigatórios: ata de fundação ou decreto de fundação e regimento interno.

Regimento interno = regula as atividades internas de um órgão. Deve conter todas as informações sobre a natureza, objetivos e estruturas de funcionamento do Museu. - Estrutura básica de um regimento interno:

Vinculação institucional. Competência o que a instituição realiza, promove e desenvolve:

Organização interna - estabelece as funções de cada divisão/setor

- Atribuição dos dirigentes

Disposições gerais/finais:

- mecanismo que gera possibilidades para a instituição criar comissões, Grupos de Trabalho de caráter permanente ou transitório.
- estabelece que os casos não tratados no regimento interno serão solucionados pelo dirigente da instituição.

A partir do dia tal

O acervo será transferido / ficará sob a guarda

Termo de extinção: O pessoal será lotado.....

## 5. PLANO MUSEOLÓGICO

A. Conceito:

"Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão e da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento."

B. O plano museológico é:

Ferramenta básica e imprescindível para as atividades do museu Primordial para o planejamento e a gestão dos museus.

C. Sua elaboração é necessária para:

Organização do trabalho interno da instituição. Oferecer clareza das necessidades da instituição.

- Definição de prioridades para a realização de projetos.

D. Razões para não se planejar (segundo Davies, 2001)

Não vim trabalhar em museu para gastar meu tempo planejando. Estamos ocupados demais lidando com nossos problemas do dia-a-dia. Não temos tempo. Somos somente um museu pequeno. Tenho tudo isso na minha cabeça. Todos sabem para onde vamos. Não temos dinheiro algum; *não* vale a pena. Começamos, mas ficamos atolados e desanimamos.

E. Vantagens de se planejar (segundo Davies, 2001)

Ajuda a assegurar no longo prazo a salvaguarda do acervo. Todos (dentro e fora do museu) enxergam mais claramente o que se está querendo realizar. Todos que aí trabalham sabem como se encaixam nas metas e objetivos do museu. Conduz ao uso mais eficaz dos recursos. Integra todos os aspectos do funcionamento do museu em um mesmo processo de administração. Oferece uma estrutura básica dentro da qual podem ser tomadas decisões estratégicas. Produz um plano que atua como ponto de referência para todos os interessados.

Plano Museológico - Fases

DIAGNÓSTICO GLOBAL: situação atual

O Museu Particular da família Lis denominado "Museu e Biblioteca Professora Sinhazinha", localizado em uma dependência da proprietária, a Sra. Professora

MARY LINS LEAL, localizado na cidade de Monte Alegre, Oeste do Pará, no Bairro de Surubeju, nº 11, dispõe de um modesto acervo composto por exemplares bibliográficos colecionados ao longo dos anos, provenientes de doações de terceiros, assim como objetos que retratam as evoluções tecnológicas, vestígios cerâmicos provenientes de sítios arqueológicos locais e artefatos do cotidiano da população montealegrense.

Por se tratar de um museu particular e portanto "amador", não dispõe de infraestrutura qualificada para a exposição dos acervos, necessitando, portanto de mobiliário e adequação dos espaços físicos, o que vem sugerir a apreciação de um projeto que contemple o melhoramento das condições do referido local para melhor receber e repassar as informações aos visitantes, pesquisadores e população local em geral.

#### FASE 1

**DEFINIÇÃO OPERACIONAL E MISSÃO NECESSIDADES PARA O FUTURO:** Com as melhorias e ampliações realizadas no museu, tem-se por missão principal, estabelecer um elo de informação entre a sociedade em geral e a historicidade acerca dos elementos que compõem o acervo.

#### FASE 2

**PROGRAMAS:** Além das visitas periódicas realizadas por estudantes das escolas locais, viajantes e acadêmicos, pretende-se estabelecer um programa contendo calendário de eventos de cunho histórico-científico para que colecionadores e autores locais utilizem-se do espaço para exposição de seus objetos de estudos, assim como a fundação do programa Amigos do Museu, no intuito de incentivar a pesquisa, doação e exposição de objetos da sociedade, que são registros históricos da historicidade local em diferentes épocas.

#### FASE 3 PROJETOS

##### FASE 1 - DEFINIÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.1 Definição operacional (supra citado)

1.2 Missão( supra citado)

##### FASE 2-PROGRAMAS

2.1 Programa Institucional

2.2 Programa de Gestão de pessoas

2.3 Programa de Acervos

2.4 Programa Exposições

2.5 Programa Educativo e Cultural

2.6 Programa de Pesquisa

2.7 Programa Arquitetônico

2.8 Programa de Segurança

2.9 Programa de Financiamento e Fomento 2.10 Programa de Difusão e Divulgação

### FASE 3-PROJETOS

#### FASE 1-DEFINIÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.1 Definição operacional: apresentação das características gerais da instituição, destacando sua trajetória e histórico de suas coleções e de seu território.

1.2 Missão: instrumento básico da instituição que serve para a definição de sua identidade, singularidade e relevância.

Missão - Idealmente, a "missão" de uma instituição responde a cinco perguntas-chave e procura resumir as respostas de forma sucinta:

- Para que existimos (finalidade)
- O que queremos alcançar (metas)
- O que fazemos (função)
- Para quem o fazemos (público/sociedade)

Conceito: a missão é um conjunto de palavras que contêm, de forma resumida, a finalidade, metas, estratégias e o público alvo de uma instituição (Davies, 2001, p. 32)

### FASE 2

#### PROGRAMAS

2.1 Programa Institucional: Intenciona-se a Criação de uma associação de amigos do museu (Portaria Normativa no 1, de 12 de janeiro de 2007), assim como estabelecer Relações institucionais necessárias para o cumprimento dos fins do museu: participação em redes temáticas nacionais e internacionais, participação em organizações nacionais e internacionais;

2.2 Programa de gestão de pessoas: Espera-se estabelecer parceria com instituições formadoras de profissionais de biblioteconomia e museologia, intencionando a capacitação e bem estar do conjunto de trabalhadores do museu, independentemente do tipo de contratação, assim como aponta um diagnóstico da situação funcional existente e das necessidades de ampliação do quadro de pessoal, incluindo estagiários e servidores.

2.3 Programa de acervos: aquele que organiza o gerenciamento dos diferentes tipos de acervos da instituição, incluindo os de origem arquivística e bibliográfica, podendo ser dividido em diferentes subprogramas, tais como: aquisição, documentação, conservação e restauração

Subprograma de aquisições: prioridades de aquisição para complementar coleções já existentes, meios de captação.

SubPrograma de documentação:

implantação de sistemas

informatizados, documentação dos processos de conservação e restauração, digitalização dos documentos em suporte papel, política de segurança de dados, acessibilidade da documentação a pesquisadores

Subprograma de conservação:

conservação preventiva condições ambientais (sistemas de medição e controle de umidade, temperatura etc) - iluminação (estabelecimento de parâmetros, sistema de medição, instalação de filtros etc) - acondicionamento e manuseio

Subprograma de restauração: estabelecimento de prioridades

2.4 Programa de exposições: aquele que trata de todos os espaços e processos de exposição do museu, sejam eles intra ou extramuros, de longa, média ou curta duração.

- desenvolvimento de exposições em parceria (curadoria, investimento etc.) com instituições afins.

2.5 Programa educativo e cultural: aquele que compreende os projetos e atividades educativo-culturais desenvolvidos pelo museu, destinados a diferentes públicos e articulados com diferentes instituições. Treinamento das monitoras para atendimento aos portadores de necessidades especiais (deficientes físicos, cegos etc) - Implantação de visitas guiadas

- compra de áudio-guias, encenações teatrais

- Festas comemorativas, shows, eventos etc

2.6 Programa de pesquisa: aquele que contempla o processamento e a disseminação de informações, destacando as linhas de pesquisa institucional e de projetos voltados para estudos de público, de patrimônio cultural, de museologia, de história institucional e de outros.

Pesquisas de público - Publicações (MUSAS: revista brasileira de museus e museologia; Coleção Museus, Memória e Cidadania etc.) - Cursos, conferências, palestras

2.7 Programa arquitetônico: aquele que trata da identificação, da conservação e da adequação dos espaços livres e construídos, bem como das áreas de entorno da instituição, contendo descrição dos espaços e instalações, além de

informar sobre os aspectos de acessibilidade, conforto ambiental, circulação, identidade visual e

- Considerações gerais: planejamento urbanístico, histórico, aspectos técnicos (ex: estudos do terreno, condicionantes climáticos) etc.

- Espaços: o programa deverá conter uma relação dos espaços do museu. Cada espaço deverá ser descrito em termos de características (m<sup>2</sup>, instalações, equipamentos), uso e função.

Intercomunicação e circulação geral:

1) em relação ao acervo, ao funcionamento interno e ao público. Exemplos: escadas, elevadores, corredores.

2) relação entre as áreas e seus acessos segundo as rotinas de trabalho. Exemplos: área de recepção-desembalagem-registro-reserva técnica

Condições gerais de conservação e proteção do edifício: (exemplos: sistemas de controle ambiental, sistemas de iluminação, necessidades de conservação, restauração, etc.)

2.8 Programa de segurança: aquele que trata de todos os aspectos relacionados à segurança do museu, da edificação, do acervo e dos públicos interno e externo, incluindo além de sistemas, equipamentos e instalações, a definição de rotinas de segurança e estratégias de emergência.

Exemplos:

Saídas de emergência

Prevenção de emergência: contra furto e roubo, combate a incêndio, retirada de pessoas, retirada de obras e contra pânico.

Proteção contra incêndios (prevenção, detecção, extinção) inundações e outros desastres naturais, - Proteção contra vandalismo, invasão, etc.

- Transporte de bens culturais

2.9 Programa de Financiamento e Fomento: aquele que trata do planejamento de estratégias voltadas para captação, aplicação e gerenciamento dos recursos econômicos oriundos de diversas fontes.

Exemplos:

Ingressos - Campanhas de captação de recursos

- Patrocinadores

- Participação em editais

## 6. ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DE MUSEUS

## 7. BIBLIOGRAFIA

DAVIES, Stuart. Plano Diretor. São Paulo: Editora da Universidade de São

Paulo; Fundação Vitae, 2001. - (Série Museologia, 1)

MASON, Thimoty. *Gestão Museológica: Desafios e Práticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: British Council: [Fundação] Vitae, 2004. (Série Museologia:

7) Plano Museológico. [HTTP://WWW.mcu.es/museos/MC/PM/index.html](http://www.mcu.es/museos/MC/PM/index.html)  
MINISTERIO DE CULTURA. *Criterios para Elaboración del*  
MINISTÉRIO DE CULTURA. *Plan Museológico del Museo de León*. Espanha: 2005. <http://www.mcu.es/museos/MC/PMML/index.html>

MONTANER, Josep Maria. *Museos para el siglo XXI*. Barcelona: Editorial Gusravo Gili, AS, 2003.

RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. *Planos para a Certificação de Museus na Grã-Bretanha: Padrões, Da Austrália a Zanzibar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: [Fundação] Vitae, 2004 (Museologia. Roteiros práticos; 6)

SITES: Conselho Federal de Museologia - COFEM [<http://w.cofem.org.br/>]  
Conselho Internacional de Museus - ICOM-Brasil [<http://w.icom.org.br/>]  
Instituto do Patrimônio Histórico [<http://w.iphan.gov.br/>]

e

Artístico Nacional

IPHAN

INTERCOM/

ICOM

International Committee on Management

[<http://susan.chin.gc.ca/~intercom/>]

Besset, Maurice. "Obras, espacios, miradas. El museo en la historia del arte contemporáneo", in *A&V-Monografías de Arquitectura y Vivienda*, Madrid, 1993

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *L'amour de l'art: les musées et leur public*, Paris, Minuit, 1966

DELOCHE, Bernard. *Museologica. Contradictions et logique du musée*. Pref. André Desvallées. Éditions W, Mâcon, 1989

Enciclopædia Britannica do Brasil

SHERMAN, Daniel J., ROGOFF, Irith (ed.) et alii. *Museum Culture. Histories. Discourses*. Spectacles Routledge, London, 1994

**ANEXO II**

Segundo Caderno Mary Lins em seus contos, encantos e recantos

SEGUNDO CADERNO

MITOS LENDÁRIOS /ETIMOLOGIA

MEU QUERIDO LIVRO

Segundo FRANZ KREUTHER PEREIRA, DA COMISSÃO PARAENSE DE FOLCLORE, em seu PAINEL DE LENDAS & MITOS DA AMAZÔNIA, até mesmo estaríamos cometendo grande erro ao nomearmos este texto de "MITOS LENDÁRIOS", uma vez que o autor em apreço coloca uma fronteira entre os dois termos, dando a cada um conceito especial, ou seja: "LENDA - é uma narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética; enquanto MITO: (Mythos, gr= relato, fábula) é narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Narrativas de significação simbólica, geralmente ligada à Cosmogonia e referem-se a deuses encarnados das forças da natureza e (ou) de aspectos da condição humana. Representação dos fatos ou personagens reais, exageradas, pela imaginação popular, pela tradição. "Como é fácil de perceber, não é fácil distinguir uma coisa da outra, pelo contrário, acentuam-se as semelhanças ...o que, o próprio autor admite, que essa não é uma tarefa muito fácil e permite o seguinte ao fundir os conceitos para "lenda mitológica" definindo-as em "um estilo de narrativa fantástica que visa transmitir uma lição, um ensinamento; explicar um fenômeno ou orientar uma decisão, compreensão que é afluyente do vasto rio da cultura popular que denominamos FOLCLORE". Essa última palavrinha, por sua vez

significa literalmente: "saber popular" (folk = povo e lore=saber ); É um vocábulo de origem alemã, criado por Willians J.Thons e surgiu em 1846 na Revista The Atheneum.

Para Folclore temos muitos e muitos conceitos feitos pelos folcloristas brasileiros, como por exemplo:

01-LUIS DE CÂMARA CASCUDO, o eminente e erudito, diz que folclore é "a mentalidade móbil e plástica, que torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato";

02-ORLANDO TEJO, poeta e jornalista paraibano em seu memorável trabalho sobre o cantador e repentista Zé Limeira, apresenta um conceito para Folclore que parece mais holístico e menos erudito. Diz ele: "A maquinaria que faz surgir hábitos, costumes, alimentação, gestos, superstições, lirismo, sátiras, indumentárias, tudo aquilo que os grupos sociais participantes assimilam, é folclore; Folclore é a cultura popular feita normativa pela tradição natural, compreendendo utilitárias técnicas e processos que emocionalmente se ampliam e se valorizam".

03-LEITE DE VASCONCELOS- tem a seguinte interpretação para folclore:

"objeto de curiosidade para o povo, porque contém sua obra".

#### 04-CARLOS

RODRIGUES BRANDÃO- afirma que "na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. (...)Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o que é *cultura*".

Assim sendo, vamos enumerar, também alguns mitos que povoam o imaginário pinta-cuia e

pinta-cuia e tratar de sua etimologia, que é a parte da gramática que estuda a origem das palavras....

Mary Lins em seus Cantos, Encantos e Recantos.

#### 01-O JURUPARY "SER QUE NOS VEM À REDE: O PESADELO, O SONHO MAU..."

Entre outras interpretações...Na verdade é uma denominação Tupi para um demônio particular, mas, foi usada com exclusividade pelos missionários para designar qualquer demônio; até assumindo o lugar do diabo cristão nos trabalhos da catequese dos indígenas...(..)

São variantes da palavra Jurupari,ou seja, você vai encontrar escrita de várias maneiras, como: Jeropary, Jeropoari, Yurupari, Iurupari, Jurupari-Pereira ou Perê, Jurupari-Taraca;

A lenda diz que Jurupari é um deus que veio do céu em busca de uma mulher perfeita para ser esposa de Coaraci, o Sol, mas não diz se ele a encontrou e, segundo Osvaldo Orico, essa missão é inatingível. Jurupari foi o maior legislador que os indígenas conheceram, assemelhando-se à Quetzlcoalti, a "Serpente Emplumada", deus reformador e legislador Maia. Também, Jurupari está presente em várias culturas, não é, portanto, um privilégio da família Tupi.

Segundo o estudioso Batista Caetano, y-ur-apá-ri pode significar "ser que nos vem à rede, o

pesadelo, o sonho mau"; Teodoro Sampaio, no entanto, é de opinião que iurú-pari significa: fechada, segredo"; conceito semelhante ao do Padre Constantino Tastevin: iu-ru-pari= "máscara na boca ou no rosto"; Para Coudreau o significado de juru-pará-í é : "saído da boca do rio"; e o sábio Stradelli dá a seguinte etimologia: " iurú, boca e pari, grade de talas com que se fecha a saída dos igarapés"; Couto de Magalhães, para quem "jurupari é corruptela de jurupari que significa: tirar da boca";

## 02-IARA - LITERALMENTE: SENHOR/SENHORA, EM LÍNGUA TUPI - LENDÁRIA MULHER LOIRA QUE HABITA A BEIRA DOS LAGOS;

Várias também são as grafias ou variantes: Uiara, Oiara, Eiara, Igpupiara, Hipupiara.

Mito baseado no modelo das sereias dos contos homéricos; a lara é a Vênus amazônica; é uma ninfa loira, de corpo deslumbrante e de beleza irresistível. Sua voz é melodiosa e seu canto, tal como no original grego, é capaz de enfeitiçar a todos que que o ouvem, arrastando-os em sua direção, até o fundo do rio, lagos, vivem esses igarapés, etc... onde vivem esses seres fabulosos Na Amazônia o tapuio que escuta o cantar da lara fica "mundiado" e é atraído por ele; o mesmo se dá com as crianças que desaparecem misteriosamente. Crêem os ribeirinhos que essas crianças estão "encantadas", no reino do fundo.

Mary Lins em seus Cantos, Encantos e Recantos.

## 03-CAAPORA - O MORADOR DAS MATAS

Grafias encontradas, conforme região: cayapóra, caiapora, kaapora, caipora, jurupari, anhangá, koropira, curupira, currupira, tatacy, çacy, saci, saci-pererê, sacy-cererê, maty, matinta perera, mati-taperê ou simplesmente sererê.

O nome vem das palavras tupis: Caa-mata + porá=morador;

A Lenda diz que : O Caapora veste as feições de um índio anão de estatura, com armas proporcionais ao seu tamanho; habita o tronco das árvores carcomidas onde atrai os meninos que encontra desgarrados na floresta; outras vezes divaga sobre um tapir ou governa uma vara de infinitos caititus, cavalgando o maior deles. Os vaga-lumes são seus batedores; é tão forte seu condão que o índio que por desgraça o avistasse eram mal sucedido em todos os seus passos. Daqui vem chamar-se Caipora ao homem a que tudo se dá ao contrário".

Há quem diga também que o Caapora apresenta-se como um moleque pretinho, que cavalga porcos selvagens; mas também por ser descrito como uma caboclinha de longos cabelos, duros feito espeinhos, e que, em troca de tabaco, é capaz de dar ao caçador tanto a caça que ele deseja quanto o próprio sexo.

Os índios e caboclos acreditam que prendendo um Caapora, ele é obrigado a conceder um "poderzinho" ou atender a um desejo, em troca da liberdade.

A armadilha para capturá-lo e a isca utilizada consistem apenas numa cuia e aguardente. Derrama-se a cachaça na cuia, que deve ser colocada num lugar onde ele já tenha aparecido, ou no local para onde tenha sido chamado previamente. Depois de ter bebido a cachaça, torna-se presa fácil para qualquer um, porém até hoje até hoje ninguém conseguiu realizar tal façanha.

Resumindo, podemos dizer que em alguns casos, essa entidade aparece como má e vingativa.

### **ANEXO III**

#### **FICHA DE CADASTRO DE BEM ARQUEOLÓGICO MÓVEL**

Imagem 19: Primeira página da ficha de cadastro de bem arqueológico móvel preenchida por Luan Friaes

FICHA DE CADASTRO DE BEM ARQUEOLÓGICO MÓVEL			
<b>1- Procedência e Localização Atual</b>			
1.1 Sítio: Agua Azul			
1.2 Nº do processo: Não se aplica			
1.3 Endereço: Não se aplica			
1.4 Instituição: Museu e Biblioteca Sinhazinha			
1.5 Endereço: Rua 15 de Agosto, Bairro Surubeju, Monte Alegre - PA			
<b>2 - Dados Gerais</b>			
2.1 Número (s) de registro (s): MBSL-01			
2.2 Denominação: Ferramenta Lítica			
2.3 Descrição: Fragmento de ferramenta litica			
<b>3. Categoria:</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Artefato	<input type="checkbox"/> Estrutura/feição	<input type="checkbox"/> Zooarqueológico	
<input type="checkbox"/> Ecofato	<input type="checkbox"/> Sedimento/solo	<input type="checkbox"/> Outros: _____	
<input type="checkbox"/> Bioarqueológico	<input type="checkbox"/> Arqueobotânico		
<b>4. Subcategoria:</b>			
<input type="checkbox"/> Construção/arquitetônico	<input type="checkbox"/> Embalagens/recipientes		
<input type="checkbox"/> Insignias	<input checked="" type="checkbox"/> Amostras/fragmentos		
<input type="checkbox"/> Objetos cerimoniais	<input type="checkbox"/> Alimentação		
<input type="checkbox"/> Transporte	<input type="checkbox"/> Medicinal		
<input type="checkbox"/> Objetos pessoais	<input type="checkbox"/> Pintura		
<input type="checkbox"/> Castigo/penitência	<input type="checkbox"/> Escultura		
<input type="checkbox"/> Medição registro/observação/processamento	<input type="checkbox"/> Indeterminado		
<input type="checkbox"/> Outros: _____			
<b>5. Materiais:</b>			
<input type="checkbox"/> Borracha	<input type="checkbox"/> Fóssil	<input type="checkbox"/> Osso	<input type="checkbox"/> Flora
<input type="checkbox"/> Carvão	<input checked="" type="checkbox"/> Lítico	<input type="checkbox"/> Papel	<input type="checkbox"/> Fauna
<input type="checkbox"/> Cerâmica	<input type="checkbox"/> Madeira	<input type="checkbox"/> Sedimento	<input type="checkbox"/> Vidro
<input type="checkbox"/> Fziança	<input type="checkbox"/> Malacológico	<input type="checkbox"/> Plástico	<input type="checkbox"/> Indeterminado
<input type="checkbox"/> Porcelana	<input type="checkbox"/> Metal	<input type="checkbox"/> Têxtil	<input type="checkbox"/> Outros: _____
<input type="checkbox"/> Couro			
<b>6. Cor:</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Monocromático	<input type="checkbox"/> Indeterminado		
<input type="checkbox"/> Policromático	<input type="checkbox"/> Outros: _____		
<b>7. Técnica de Produção:</b>			
<input type="checkbox"/> Lascado	<input type="checkbox"/> Perfurado	<input type="checkbox"/> Taxidermizado	<input type="checkbox"/> Forjado
<input type="checkbox"/> Picoteado	<input type="checkbox"/> Roletado	<input type="checkbox"/> Tecido	<input type="checkbox"/> Indeterminado
<input type="checkbox"/> Polido	<input type="checkbox"/> Torneado	<input type="checkbox"/> Assoprado	<input type="checkbox"/> Outros: _____
<input type="checkbox"/> Modelado	<input type="checkbox"/> Moldado	<input type="checkbox"/> Fundido	
<b>8. Decoração:</b>			
<input type="checkbox"/> Alisado	<input type="checkbox"/> Ungulado	<input type="checkbox"/> Pintado	<input type="checkbox"/> Estêncil
<input type="checkbox"/> Bruniado	<input type="checkbox"/> Incisão	<input type="checkbox"/> Punção	<input type="checkbox"/> Entalhe
<input type="checkbox"/> Corrugado	<input type="checkbox"/> Impressão	<input type="checkbox"/> Aplique	<input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica
<input type="checkbox"/> Escovado	<input type="checkbox"/> Plástica	<input type="checkbox"/> Engobe	<input type="checkbox"/> Outros: _____

. Fonte: Luan Friaes.

Imagem 20: Segunda página da ficha de cadastro preenchida por Luan Friaes.

<b>9. Integridade</b> <input type="checkbox"/> Integro <input checked="" type="checkbox"/> Fragmentado <input type="checkbox"/> Reconstituído
<b>10. Estado de conservação (condições físicas, grau de deterioração e a necessidade de intervenção):</b> <input type="checkbox"/> Bom (sem deterioração) <input checked="" type="checkbox"/> Regular (não compromete o todo. Ex.: fissuras, esmaecimento, afloramento de sais, esfarelamento etc.) <input type="checkbox"/> Ruim (compromete o todo. Ex.: quebradiço, com manchas, alto grau de corrosão) <input type="checkbox"/> Péssimo (perdas irreversíveis) Descrição: _____
<b>11. Intervenções sofridas:</b> <input type="checkbox"/> Higienização a seco <input type="checkbox"/> Dessalinização <input type="checkbox"/> Estabilização <input type="checkbox"/> Higienização com água <input type="checkbox"/> Remoção <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Colagem/refixação <input type="checkbox"/> Consolidação <input checked="" type="checkbox"/> Não se aplica <input type="checkbox"/> Restauração/reconstituição Descrição: _____
<b>12. Recomendações de conservação:</b>
<b>13. Invólucro/acondicionamento</b> <input type="checkbox"/> Saco Plástico (Polietileno ou poliéster) <input type="checkbox"/> Papel livre de ácido ou pH neutro <input type="checkbox"/> Tecido não tecido de polipropileno (TNT) <input type="checkbox"/> Espuma de polietileno <input type="checkbox"/> Não tecido de polietileno de alta densidade (Tyvek) <input type="checkbox"/> Manta acrílica <input type="checkbox"/> Plástico Bolha <input checked="" type="checkbox"/> Não possui <input type="checkbox"/> Papel <input type="checkbox"/> Outros: _____
<b>14. Armazenamento</b> <input type="checkbox"/> Caixa de papelão <input type="checkbox"/> Não possui <input type="checkbox"/> Caixa de papelão livre de ácido ou pH neutro <input type="checkbox"/> Outros: Recipiente de Cerâmica <input type="checkbox"/> Caixa de polipropileno colorida (polionda) <input type="checkbox"/> Caixa de polipropileno sem coloração (polionda)
<b>15. Inscrições e marcas de uso: Nome do doador Raimundo Nonato</b>
<b>16. Filiação cultural:</b>
<b>17. Medidas (largura, comprimento, altura, diâmetro, profundidade):</b>
<b>18. Peso:</b>
<b>19. Fotografias coloridas e com escala: <u>_DSC0054.jpg</u></b>
<b>20. Observações Gerais:</b>

Fonte: Luan Friaes.

Imagem 21: Fotografia com escala da peça exemplificada na ficha de cadastro \_DSC0054.jpg.



Fonte: Luan Friaes.